

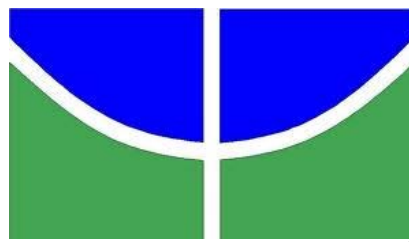


**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO PARA A UTILIZAÇÃO DAS
NOVAS TECNOLOGIAS NA SALA DE AULA: UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO**

HERLAN SERPA DE SOUZA

BRASÍLIA-DF, Julho 2013



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO PARA A UTILIZAÇÃO DAS
NOVAS TECNOLOGIAS NA SALA DE AULA: UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO**

HERLAN SERPA DE SOUZA

BRASÍLIA-DF, Julho 2013

HERLAN SERPA DE SOUZA

**A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO PARA A UTILIZAÇÃO DAS
NOVAS TECNOLOGIAS NA SALA DE AULA: UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

Comissão Examinadora:

Prof^a. Dra. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Luiz Villar Mella
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Lúcio França Teles
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília-DF, Julho 2013

HERLAN SERPA DE SOUZA

**A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO PARA A UTILIZAÇÃO DAS
NOVAS TECNOLOGIAS NA SALA DE AULA: UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

Comissão Examinadora:

Prof^a. Dra. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Luiz Villar Mella
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Lúcio França Teles
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília-DF, Julho 2013

Dedico este trabalho a minha esposa e filha.
Com elas descobri o sentido real da palavra amor.
Com elas soube que poderia ser uma pessoa melhor.

AGRADECIMENTOS

Na vida sempre tive a falsa impressão que nunca ninguém me ajudava e que estava sozinho em minhas conquistas. Pensamento errôneo este que passei a desconstruir à medida que a maturidade veio moldando meu caráter e personalidade com o passar dos anos.

No mundo de hoje vemos uma sociedade (em sua maioria) egoísta e que lida com extremo pragmatismo individualista as suas mais diversas ações, sendo que somos seres que deveríamos sempre focar no coletivo e na ajuda mútua. Mas não é o que vemos. E o que vemos é um mundo em que não há a solidariedade e há poucas razões para agradecimentos. Todavia isto não quer dizer que não existam pessoas boas e que pensam na coletividade. Vi que está no alicerce familiar todo apoio e força que precisamos para suplantar as diferentes adversidades que a vida nos convida. Vi que estão nos pequenos gestos e contribuições das mais simples as verdadeiras injeções de ânimo e de apoio que nós precisamos. Todas estas forças motrizes benéficas providas da família.

Tanto meu pai (Valnir Gonçalves de Souza) quanto minha mãe (Maria Lúcia Serpa de Souza) são de origem humilde e sempre tiveram algumas dificuldades na criação minha e dos meus irmãos. Mas vi que mesmo passando momentos conturbados nunca faltou o básico para podermos sobreviver e tornarmo-nos quem nós somos. E com esta contribuição dos meus pais vi o real sentido da palavra humildade e do valor que temos que dar as pequenas coisas que possuímos ou queremos possuir. Por isso agradeço aos meus pais por me darem condições de estar aqui hoje, mostrando que a humildade é que fortalece o espírito, pois sabemos como é difícil conseguir as coisas e atingir metas. É difícil, mas é de grande honra e extrema valia ver o suor do esforço dar resultados no final de uma trajetória que colocamos como objetivo e que nos fará vislumbrar novas metas.

Felicito e agradeço também “as mulheres de minha vida” que são: Iara Batista Folha (minha amada esposa) e Ana Luiza Folha Serpa de Souza (minha filha e joia rara). Que são minhas estrelas guia e que fazem com que esta graduação tenha um propósito não somente de formação e

enriquecimento dos meus conhecimentos, mas de incentivar sempre que eu dê o meu melhor e que elas (esposa e filha) estejam respaldadas e seguras com o fruto dos meus estudos e esforço. Que é ser um profissional, qualificado, reconhecido e de valor no mercado de trabalho.

Não posso esquecer de citar meus irmãos (Eduardo Serpa de Souza e Erla Serpa de Souza) que como uma tríade sabemos do que passamos e do que somos capazes. Estes que falo que são os reais amigos que tive na minha vida. Não somente por termos laços consanguíneos, mas porque em momentos pontuais me ajudaram ou tive a oportunidade de ajudá-los. E ainda meu sobrinho botafoguense, Higor, que por sinal é muito inteligente e com certeza dará muitas alegrias a nossa família num futuro próximo.

Agradeço a Universidade de Brasília (UnB) por ter dado esta oportunidade de adentrar neste centro acadêmico de excelência. Que é respeitado e vitrine para todo o mundo. Está sendo uma experiência ímpar estar tornando-me um graduando de um curso tão importante como o de Pedagogia da UnB e que traz como um dos seus ícones Paulo Freire, como patrono da educação brasileira. Agradeço também a Darcy Ribeiro, pois se o sonho dele não se realizasse, talvez o meu tivesse naufragado ou demoraria um pouco mais para se realizar: estar me formando.

Por fim, agradeço minha orientadora Sônia Marise. Pelas contribuições e orientações para que eu conseguisse elaborar este Trabalho Final de Curso. Sua ação de interceder em favor dos graduandos na Universidade de Brasília demonstra o real papel de um educador reflexivo e que pratica os preceitos da solidariedade.

Este momento traz um sentimento de felicidade da mesma forma com que recebi o resultado do vestibular do 2º semestre de 2009, ano este, que adentrei a Academia. Enfim, muito obrigado a todos que fazem parte da minha história de vida. Que com suas mais diversas contribuições e qualidades moldaram minha visão do que é bom no mundo e do que vale a pena a ser defendido e cultivado.

Obrigado a todos!

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre o papel do professor em diferentes espaços curriculares e educativos, mais precisamente na formação do graduando em Pedagogia nas novas tecnologias. Busca-se investigar como estão integradas as novas tendências nas práticas educacionais dos professores como uma possibilidade de qualificação. Um tema desafiador que possui diversas contribuições de diferentes autores, juntamente com a discussão respaldada nas Diretrizes Curriculares Nacionais que direcionam os cursos de graduação no Brasil. Apresento uma reflexão teórica no que se refere aos pareceres, diretrizes curriculares e legislação no que tange ao curso de Pedagogia relacionado às tecnologias em geral, tendo como objetivo mostrar a importância do tema e como este pode colaborar para a discussão em âmbito administrativo, pedagógico e por que não em sala de aula para analisar como está sendo desenvolvida a temática no ambiente universitário e na formação dos sujeitos que estão inseridos neste ambiente. O trabalho discorrerá das minhas reflexões e conhecimentos adquiridos no curso de Pedagogia da Universidade de Brasília (UnB) regido pelo tema das tecnologias. Utilizando a metodologia de pesquisa exploratória, com destaque no levantamento bibliográfico e entrevista com 23 egressos de diferentes licenciaturas. Tendo ao final, e como resultado, atenção na possibilidade de melhorias e melhor preparo para com o futuro educador quando da qualificação em tecnologias digitais.

Palavras-chave: tecnologias, pedagogia, docência.

ABSTRACT

This work aims to reflect on the role of the teacher in curriculum and educational different spaces, specifically the formation of majoring in Pedagogy in new technologies. Seek to investigate how integrated are the new trends in educational practices of teachers as a possible qualification. A challenging topic that has several contributions from different authors, along with the discussion supported the National Curriculum Guidelines that direct graduate courses in Brazil. I present a theoretical reflection with regard to opinions, curriculum guidelines and legislation regarding the pedagogy courses related to technology in general, aiming to show the importance of the topic and how it can contribute to the discussion at the administrative, educational and why not in the classroom to analyze how the theme is being developed in universities and training of the subjects included in this environment. The work will talk of my reflections and knowledge acquired in the course of Pedagogy of the University of Brasilia (UnB) governed by the theme of technologies. Using the methodology of a survey, with emphasis on literature and interviews with 23 graduates of different degrees. Having the end, and as a result, attention on the possibility of improvements and better prepare for the future when the teacher qualification in digital technologies.

Key words: technologies, pedagogy, teaching.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
PRIMEIRA PARTE	
Memorial Educativo.....	14
SEGUNDA PARTE	
MONOGRAFIA: A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO PARA A UTILIZAÇÃO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA SALA DE AULA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO	
CAPÍTULO 1 -Reflexão sobre o curso de Pedagogia e as Tecnologias Digitais.....	24
1.1 Contextualização do trabalho sobre o tema.....	24
1.2 Do Projeto Acadêmico.....	32
1.3 Das Diretrizes Curriculares, LDB n.º 9394/96 e Resoluções.....	36
1.4 Da formação do licenciado na Pedagogia em tecnologia.....	40
CAPÍTULO 2 - A importância das tecnologias digitais na formação do pedagogo.....	43
2.1 Tecnologias Digitais.....	43
2.2 Tecnologias de Informação e Comunicação.....	46
2.3 Do que o pedagogo necessita?.....	49
CAPÍTULO 3 - Pesquisa: Experiências Pedagógicas e as Tecnologias.....	55
3.1 Sobre a Pesquisa e a Metodologia.....	55
3.2 Perguntas da pesquisa.....	56
3.3 Resultados dos dados coletados na pesquisa.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
TERCEIRA PARTE	
Perspectivas Profissionais.....	72
REFERÊNCIAS	73
ANEXOS	77
1.1 Formulário de Pesquisa aplicado pessoalmente.....	78
1.2 Formulário de Pesquisa aplicado <i>on-line</i>	79

APRESENTAÇÃO

Este Trabalho Final de Curso, requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia da Universidade de Brasília, parte de uma reflexão dos ensinamentos e conhecimentos assimilados na graduação do curso de Pedagogia sobre a temática tecnologia digital. Este trabalho discorre também sobre a necessidade de dar atenção na formação do graduando em diferentes espaços curriculares, inclusive no campo tecnológico.

Aqui tento mostrar a importância das tecnologias digitais na formação do educador, reflito sobre a ação do professor em diferentes espaços curriculares e educativos com enfoque em tecnologia e no preparo nesta ferramenta. Faço, neste trabalho, uma reflexão sobre a questão de como podem contribuir qualitativamente na capacitação docente. Utilizo de uma metodologia de pesquisa exploratória que visa proporcionar uma visão geral do assunto a partir de um levantamento bibliográfico e entrevista com os envolvidos com o tema. Neste caso, os egressos do curso de Pedagogia e de outras licenciaturas.

O trabalho traça panoramas com prerrogativas de análise e aprofundamento, e porque não de melhoramentos (ao menos conceituais), da situação atual da nossa formação enquanto futuros pedagogos e licenciados. Identifico a necessidade e a contribuição, que no curso formador de pedagogos, as tecnologias digitais podem trazer.

É discutida se a formação do pedagogo prepara adequadamente para as tecnologias digitais. Por isso, torna-se um tema peculiar para se desenvolver e assim, considerar a necessidade de integração pelas diferentes vertentes que o currículo do curso de Pedagogia está estruturado.

Para tentar verificar como as tecnologias digitais estão ou deveriam estar impactando no processo de formação e de como a universidade está trabalhando o conceito de tecnologias digitais, o presente trabalho está estruturado em três partes dispostas da seguinte forma:

- A primeira parte é composta pelo memorial, no qual se apresenta toda a minha experiência escolar até chegar à Universidade e durante a graduação;

- A segunda parte é um texto narrativo/descritivo/conceitual, no qual é apresentado a caracterização do tema, as experiências pedagógicas que a universidade proporcionou a mim e o desenvolvimento do tema de fato. Esta segunda parte está dividida em três capítulos com o primeiro capítulo discorrendo sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso que norteiam o curso de Pedagogia, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, resoluções e pareceres com um enfoque no que concerne as tecnologias. Utilizo também o Projeto Acadêmico da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília para desenvolver a reflexão e um pensar sobre o como formar em tecnologia no curso de Pedagogia. No segundo capítulo há a teorização do trabalho com autores que auxiliaram no desenvolvimento do trabalho na área de educação e no que concerne às tecnologias digitais, às TIC e a importância da solidariedade na educação para guiar o educador na direção de mudanças. Enquanto no terceiro capítulo apresento a coleta de dados e informações pertinentes que foram abstraídas de uma pesquisa realizada com egressos dos cursos de licenciatura. Com proposições e sugestões de melhorias, com base na análise das falas dos pesquisados e conclusão de como está o entendimento do tema tecnologia na vida do universitário.

Conclui-se o trabalho na terceira parte, em que apresento minhas perspectivas para o futuro, o que almejo alcançar após a conclusão do curso de pedagogia e quais possíveis contribuições que posso dar como futuro pedagogo.

PRIMEIRA PARTE
MEMORIAL EDUCATIVO

MEMORIAL EDUCATIVO

Sou nascido no estado do Rio de Janeiro, mais precisamente na cidade de São João do Meriti. Foi na Baixada Fluminense que cresci e dei meus primeiros passos da minha trajetória escolar.

Na minha mais tenra idade sempre fui uma criança doente e que necessitava de cuidados especiais pelas mais diferentes causas que abalavam minha saúde (não entrarei nos detalhes para não mudar o enfoque). Contudo, isto nunca foi desculpa e discurso pronto para justificar qualquer falha quando da minha educação. Sempre quis aprender e ser o melhor no que fazia. Pois sabia que tendo esforço poderia colocar por terra qualquer estigma de “menino doente”.

Estudei praticamente em toda a minha educação em ambiente escolar público. Excetuando-se apenas a primeira e a segunda série do 1º grau (atualmente ensino fundamental séries iniciais) em que ganhei bolsas numa escola particular no município de Belford Roxo/RJ. Mas foi justamente nestes dois anos que ficou mais aguda minhas condições deficitárias de saúde. Estas fizeram que eu perdesse um dos anos de ensino por afastamento. Mesmo tendo o respaldo da professora de que eu poderia continuar na próxima série, devido a minha competência nos estudos, minha mãe achou melhor refazer o ano e todas as atividades da segunda série.

Mesmo repetindo a segunda série não houve prejuízo no fluxo educacional já que entrei na instituição escolar com um ano de antecipação. Por isso terminei tanto o 1º grau (atualmente Ensino Fundamental) quanto o 2º grau (atualmente Ensino Médio) com a faixa etária condizente.

Na maioria dos anos letivos procurei superar meu déficit (quadro de saúde referido anteriormente) com mais aplicação nas tarefas e atenção em sala de aula. Gostava do que fazia e aprendia. Sentia prazer na assimilação daquilo que poderia servir-me no futuro. Não sabia a que futuro eu pensava, mas sabia que tudo que aprendia fazia parte de mim e deixava-me “mais forte”, fazendo esquecer aonde eu era fraco: na saúde.

Principalmente no meu 1º grau tive bastante destaque nas disciplinas. Tirava notas que sempre estavam acima das médias solicitadas para passar de ano. Em certos momentos era o destaque da turma e da escola, ganhando até troféus e cartas de parabenizações dos diretores das instituições de ensino.

Contudo, foi nos anos finais do 1º grau que as coisas começaram a ser mais difíceis, mas que não influenciaram num rendimento abaixo do esperado. Isto se deu pelo fato de ter que começar a trabalhar. Assinei minha carteira em 1993, para ajudar em casa, quando eu tinha 14 anos e estava na 4ª série. A partir deste momento tinha duas obrigações básicas: trabalhar e estudar. Acredito que seja uma realidade quase que comum nas mais diferentes famílias de classes menos abastadas a obrigação de estudar e ao mesmo tempo ajudar em casa.

Finalmente podia dizer que eu tinha saúde, estava recuperado dos meus problemas e sabia que poderia dar conta das minhas atribuições antigas e novas. Mesmo sem um acompanhamento pontual dos meus pais no meu rendimento escolar e no trabalho, eu era autônomo e sabia das minhas responsabilidades e tinha que dar orgulho para eles.

No 2º grau é que tive um déficit no meu rendimento escolar, já que o trabalho passou a consumir mais meu tempo e o conteúdo das disciplinas começaram a ficar mais complexos e com maiores exigências. Passei a ter mais disciplinas que não tinha anteriormente.

Como estou escrevendo este memorial para minha graduação, obviamente obtive êxito e consegui superar as dificuldades e entrar na Educação Superior. Porém, gostaria de ter passado por esta etapa da minha vida com mais tempo de estudar e de fato aprender com qualidade.

Concordo que o sistema educacional brasileiro possui suas problemáticas e que o aprendizado pode ser comprometido em certas situações e realidades sociais, mas o fato de ter menos tempo em dedicação aos estudos, pelo fato de trabalhar, me atrapalhou de certa forma.

Completei meu 2º grau em 1997, porém minha entrada na Educação Superior não foi de imediato. Prestei o vestibular em 1997 para Química e logo

após em 1998 para História. Contudo, não obtive notas para adentrar nestes cursos. Talvez por uma não dedicação aos estudos, talvez por não estar a par do sistema de seleção do CESPE (Centro de Seleção e Promoção de Eventos) que fazia e faz os vestibulares. Enfim, minha trajetória anterior de ensino ainda não me qualificava para estar na academia. Então, tive que dedicar-me exclusivamente ao trabalho. Passei a trabalhar em tempo integral (anteriormente trabalhava meio período).

Ao passar dos anos e com a maturidade chegando, passei a prestar atenção em alguns fatos. De que para se ter um sucesso profissional e financeiro a dedicação ao trabalho somente não era eficaz. Era necessário um complemento. Foi em 2009, 12 anos depois que terminei meu 2º grau (hoje chamado de Ensino Médio), que o velho dizer “a ficha caiu”, eu pude proferir. Isto se deu, pois estava desempregado e precisava de um diferencial para voltar ao mercado de trabalho. Nos 3 meses anteriores ao vestibular decidi ler 3 livros didáticos: um de História, um de Biologia e um de Gramática. Estudava todos os dias. Na parte da manhã, da tarde, da noite e na madrugada. Em todos os meus intervalos estava determinado em abstrair todo o conhecimento que pudesse fazer com que eu adentrasse a um nível superior de educação.

Na época fiz 3 inscrições de vestibular: uma de Análise de Sistemas na UNIP, uma de Informática na UFU e a última de Pedagogia na UnB. O detalhe é o fato que se eu tivesse passado na UFU não estaria presente hoje em Brasília, já que se trata de uma universidade federal localizada em Uberlândia/MG. Minha predileção era para Análise de Sistemas e Informática, pois já trabalhara nesta área e vislumbrava uma educação voltada a estes âmbitos do conhecimento humano. Mas sem desmerecer o de Pedagogia, pois sempre tive o intuito de ser professor no futuro. Admiro esta profissão e sempre achei que tinha algo de valor para passar para aqueles que quisessem ser meus alunos.

Passei no vestibular de Informática na primeira etapa, porém o processo avaliativo da UFU era separado em etapas e desgastante. Não tive êxito ao final, pois era uma novidade (o processo avaliativo) para mim. Passei no vestibular de Análise de Sistemas da Universidade Paulista (UNIP) e também da Universidade de Brasília. Neste último foi aquele que mais vibrei.

Na minha vida via as pessoas passando para as graduações da UnB e sentia uma vontade de estar na posição destas pessoas. Naquele momento eu podia dizer que eu era aluno de uma das maiores universidades do Brasil e do mundo. Estava realmente feliz. Na verdade transbordando deste sentimento, pulando de alegria: eu, meu irmão e meu sobrinho. Todos ao ver meu nome na lista na internet.

A chegada à Faculdade de Educação não foi uma etapa difícil, as dificuldades foram poucas, já que na Universidade de Brasília a metodologia de notas (MI, MM, MS e SS) é semelhante a do Ensino Médio. O único diferencial foi em relação ao entendimento e à construção da grade das disciplinas no curso de graduação de Pedagogia. Não achava que tinha esta liberdade de construção do nosso percurso na Educação Superior. Sendo uma grade aberta, dá uma autonomia para o discente de percorrer e construir seu caminho acadêmico, porém deixa o mesmo, digamos, perdido no primeiro momento em discernir qual é o melhor caminho.

A gama de possibilidades de construção de uma grade, e por conseguinte, de um profissional mais específico é bastante diversificada. Esta variedade fez-me ficar maravilhoso e querendo conhecer cada possibilidade. Podemos assim, construir um histórico curricular que molde características de um pedagogo focado nas várias práticas educacionais que faz necessário um educador. Podemos construir um profissional mais voltado para a Psicologia (com contribuições construtivistas de Jean Piaget, da afetividade de Henri Wallon e da zona de desenvolvimento proximal de Lev Vygotsky), para a Sociologia (com contribuições de ícones como Émile Durkheim, Karl Marx, Max Weber, John Dewey, Gramsci, Paulo Freire e outros), para as Políticas Públicas, para como está organizada a educação brasileira nos seus mais diferentes níveis e modalidades de ensino, para a Educação de Jovens e Adultos, para a Educação Infantil, enfim, a diversidade é enorme e fascinante.

Mas ao final do curso de graduação de Pedagogia, temos que desenvolver um projeto de pesquisa, e então o escolhi ligado ao tema das tecnologias. Nesta temática não vi um enfoque tão grande no currículo da graduação de Pedagogia. Devido a isto, quis desenvolver a pesquisa sobre este enfoque.

No primeiro semestre cursei as disciplinas oferecidas com professores qualificados e outros que possuíam didáticas diferenciadas, mas que em todo momento procuravam estar abertos aos alunos. Eu fazia de tudo para poder assimilar conhecimento destes docentes, pois sabia que neste momento da construção do Trabalho Final de Curso iria ser importante. Além de construir um currículo (ao longo da escolha das disciplinas) que pudesse e tivesse uma abordagem relacionada às TIC e das tecnologias digitais.

Fui conhecendo a Universidade de Brasília no Projeto I (com a professora Maria Zélia), conhecendo o curso de graduação de Pedagogia no Projeto II (com a professora Kátia Augusta) e tendo orientações no Projeto III (com a professora Catarina de Almeida). Culminando com os resultados no Projeto IV e V (com a professora Sônia Marise) que geraram meu Trabalho Final de Curso.

No Projeto I – Orientação Acadêmica Integral (OAI), passei a conhecer a universidade numa visão “darcyniana” de que a função dela é a de aceleração das nações atrasadas para que atinjam o desenvolvimento. Além da função tradicional de desenvolvimento científico e cultural, assim, difundindo o saber. Um projeto que tratava da história da Universidade de Brasília, de toda trajetória, das lutas, das conquistas e do processo de construção. Foi através desse projeto que me situei e que comecei a entender como funcionava a Faculdade de Educação. Nesse projeto trabalhamos de várias formas com seminários, fichamentos, normas da ABNT (que antes do projeto não tinha noção do que era e foi elucidado durante o transcorrer da disciplina) e várias outras atividades.

Foi no Projeto I que conheci Darcy Ribeiro e suas contribuições para a criação da Universidade de Brasília. No período anterior ao adentrar à Educação Superior desconhecia sua pessoa, seus feitos e suas contribuições para a área da educação. Passei a admirá-lo, principalmente com sua obra “Universidade Necessária” que trouxe ideias como mudança, liberdade, autonomia, luta e futuro. Foram ideias que nortearam toda minha trajetória na graduação.

No Projeto II – Projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão (GEPE), tive a oportunidade de conhecer as especificidades do curso de Pedagogia, seus

meandros, suas finalidades, sua história e identidade. Foi neste momento que tive os primeiros questionamentos sobre que tipo de profissional o pedagogo deve ser e qual currículo está moldado este profissional. Com a curiosidade se as tecnologias digitais podem auxiliar no processo de formação do licenciado em Pedagogia.

O Projeto III – Projetos Individualizados 1 e 2 (PESPE), foi escolhido por mim, pois tinha um enfoque em seu título relacionado às tecnologias: Gestão, Política e Tecnologia. Sempre tive a pretensão de fazer uma junção entre duas áreas do conhecimento que são distintas, mas que na atualidade podem e devem andar num caminhar em uníssono: a educação e a informática. Isto devido a uma familiarização com as tecnologias digitais, pois já trabalhara na área e tinha adentrado num curso voltado para a área das tecnologias no curso de Análise de Sistemas da UNIP. Juntasse o fato de estar numa graduação na área de educação na UnB, que completava meus ensejos de união de temáticas. Infelizmente meus anseios não se concretizaram neste projeto. Nele não havia a contemplação num viés relacionado às tecnologias digitais na educação, mas sim das políticas públicas e gestão que se relacionam com elas.

Mas neste Projeto III tive a oportunidade de ter uma iniciação à pesquisa científica, em que pude ter embasamento teórico na metodologia científica de técnicas de elaboração de trabalhos acadêmicos. Mais precisamente no que concerne a fazer uma monografia. Entendo que a monografia é um produto – pois é um documento escrito -, e também um processo – pois é um instrumento dinâmico, que tem a importante característica de ser flexível. Enfim, foi de extrema valia passar por este projeto em caráter de assimilação de novos saberes.

Como as ofertas de professores que estavam mais ligadas intrinsecamente com as TIC e as tecnologias digitais eram em horários que não poderia seguir em seus projetos (pois trabalho, havendo choque na grade), tive que enveredar para os projetos que a professora Sônia Marise disponibiliza: de Economia Solidária.

Mas não foi por acaso ou falta de opção que escolhi os projetos disponibilizados pela professora Sônia Marise. Tive o prazer enorme de ser

aluno dela na disciplina Sociologia da Educação. Foi nesta disciplina que vi a professora diferenciada que ela é.

Sua ementa parece demonstrar que é uma professora rigorosa em demasia e que possa haver apenas teoria e excesso de conteúdos durante todo o transcorrer da disciplina. Contudo, o que vemos é como um professor(a) deve se comportar: como um mestre(a) e aquele(a) que realmente se mostra preocupado(a) com seus aprendizes. Com embasamento teórico suficiente para fazer com que os alunos tenham brilho nos olhos e queiram aprender mais. Ela media o processo de ensino-aprendizagem e estimula o raciocínio crítico dos seus discentes e sua própria ação de criticidade, pois há uma troca de conhecimento e reflexão entre todos.

Na fase 3 do Projeto 3 – Projetos Individualizados 3 (PESPE) e nas fases 1 e 2 do Projeto IV – Projetos Individualizados de Prática docente 1 (SEPD), de Economia Solidária, achei um outro âmbito que não havia percebido e que acredito ser de grande importância para a formação de um profissional da área de educação: a solidariedade. Fiquei muito empolgado com as propostas de trabalho que tinham sido planejadas nos projetos.

Nos Grupos de Trabalhos (GT) tive participação em dois projetos: na cooperativa em São Sebastião/DF e na cooperativa de Sol Nascente, em Ceilândia/DF. Fizemos poucas visitas no GT de São Sebastião e pudemos ver uma estrutura muito desenvolvida no que tange a cooperativa e aos projetos que existem por lá, que são eles:

- DIAGNÓSTICO DO TERCEIRO SETOR: Este GT tem por finalidade promover o diagnóstico da realidade do terceiro setor (ONGs) na cidade de São Sebastião, isto é, identificar as instituições do terceiro setor que prestam serviços de interesse público na região Administrativa de São Sebastião- RAXIV, Brasília- Distrito Federal. Para alcançar tal intuito, realizara o mapeamento destas instituições, a partir de pesquisa de campo;

- CURSO PRÉ-UNIVERSITÁRIO (ainda embrionário);

- PROJETO MULHERES EM EXPRESSÃO: Este GT tem por finalidade implementar ações contra os dados alarmantes sobre a violência perpetrada por homens contra mulheres e que promovam o desenvolvimento

psicossocial de mulheres que frequentam atividades em instituições do terceiro setor que prestam serviços de interesse público, na região Administrativa de São Sebastião- RAXIV, Brasília- Distrito Federal.

Diminuindo os índices de vulnerabilidade entre mulheres residentes nos bairros Vila do Boa, Morro Azul e Residencial Oeste da cidade de São Sebastião, no Distrito Federal, promovendo a prevenção à violência de gênero, por meio de ação dirigida para o avanço da mulher na sociedade enfocando setores básicos de desenvolvimento humano como trabalho, educação e saúde; e

- PLANO DE COMBATE À VIOLÊNCIA: Este GT visa identificar a violência entre o público adolescente. Suas causas, razões e como verificar e elaborar um plano de combate a este tipo de violência que leva a morte de jovens em São Sebastião.

No bairro de Sol Nascente, localizado na cidade da Ceilândia/DF procuramos no Projeto ver a demanda da comunidade nos arredores do colégio 66. Numa cooperativa de corte e costura que se tornara um local de troca de saberes em que os preceitos e lógica da DÁDIVA (a obrigação paradoxal do dar, do receber e do retribuir) são condições inerentes a toda prática social. Em que a solidariedade não é nada mais que a expressão de uma experiência de dívida mutuamente gratificante.

No Projeto do Sol Nascente teve uma ação de mão dupla, de vai-e-vem e troca de experiências, numa troca de conhecimentos e de um ajudar o outro. Não era um curso, pois os participantes acreditavam e procuravam ali um curso inicialmente, mas sim uma organização deles mesmos numa troca solidária de conhecimentos vislumbrando a proposta de GERAR TRABALHO E RENDA.

Sendo sabedores que se o projeto tivesse êxito é porque todos tiveram participação neste sucesso. Assim como o fracasso deve ser creditado a todos numa visão pessimista. Somos parte de um todo e todos foram e são responsáveis pelo projeto, devendo se dispor a fazê-lo, para assim, colher os frutos.

Os trabalhos desenvolvidos nos projetos foram bastante positivos, não só pela idealização formidável de uma educação voltada para a coletividade, mas principalmente pela satisfação de ver como aquelas pessoas cooperavam entre si. Eram solidárias e lutavam juntas por objetivos comuns. Estes que beneficiariam não somente os seus filhos e suas famílias, que ali estavam participando das atividades da associação, mas também as várias outras pessoas que viriam futuramente a querer se juntar a esses trabalhos.

Como já tinha definido a temática do meu Trabalho Final de Curso queria desenvolver essa experiência nos dois âmbitos (educação e informática), trazendo a colaboração da solidariedade numa comparação entre o espaço escolar da educação e o espaço das tecnologias digitais no que concerne a uma união e integração entre elas. Mas tendo atenção de que não estamos tratando apenas com espaços, mas com pessoas. Os conceitos de solidariedade me fizeram por os pés no chão e abriram meus olhos para aquilo e para aqueles que devo ter atenção em primeira instância: as pessoas.

É inegável que passei diversos momentos bons na universidade e adquiri muitos conhecimentos que irão fazer toda a diferença na minha vida pessoal e profissional enquanto futuro pedagogo.

Enfim, todos os obstáculos que superei e todos os ensinamentos que os professores, meus pais, meus irmãos, esposa e filha me passaram, ajudaram-me a ser um ser humano melhor, capaz, mais perseverante, forte, sonhador e acima de tudo, consciente do poder do conhecimento. Também fiquei consciente da necessidade da solidariedade nos espaços ligados à educação, pois acredito que essa é uma palavra que tem o poder de mudar a nossa sociedade que é tão injusta e individualista. Esta solidariedade é um fio condutor para que possamos desenvolver quaisquer temáticas ou ações.

O tema escolhido neste Trabalho Final de Curso é fundamental para ser trabalhado na universidade e na constante reformulação do currículo de Pedagogia. Desta maneira vai estar em consonância e dinamicamente atualizado com as novas tendências tecnológicas, redimensionando o curso no espaço e tempo do trabalho docente.

SEGUNDA PARTE
MONOGRAFIA

**A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO PARA A UTILIZAÇÃO DAS
NOVAS TECNOLOGIAS NA SALA DE AULA: UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO**

CAPÍTULO 1

REFLEXÃO SOBRE O CURSO DE PEDAGOGIA E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS

“As tecnologias evoluem em quatro direções:
Do analógico para o digital (digitalização)
Do físico para o virtual (virtualização)
Do fixo para o móvel (mobilidade)
Do massivo para o individual (personalização).”

Carly Fiorina, ex-presidente da HPackard

1.1 Contextualização do trabalho sobre o tema

Neste capítulo apresento reflexões no que se refere aos pareceres, diretrizes curriculares e legislação que direcionam o curso de Pedagogia relacionado às tecnologias em geral. Tendo como objetivo mostrar a importância do tema e como está sendo desenvolvida a temática no ambiente universitário, administrativo e na formação dos sujeitos que estão inseridos neste ambiente.

É discorrido de algumas contribuições de temáticas abordadas durante o curso de Pedagogia, das Diretrizes, das Resoluções, dos pareceres, considerações particulares do autor deste trabalho com conceitos autorais e também que remetam aos participantes/contribuintes (vide referências bibliográficas) da área educacional (ou não) abordando diversas temáticas que enveredem pelo campo das tecnologias.

Tudo isto para verificar como se encontra a atual conjuntura de formação dos sujeitos a serem formados na UnB no curso de Pedagogia e outras licenciaturas, como também com a possibilidade (não necessariamente como objetivo final) de nortear uma possível reconstrução do currículo formador do pedagogo para o entendimento e uso das tecnologias.

Utilizo também o Projeto Acadêmico do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília¹ que a priori, quando de sua confecção, já demonstrava preocupação no processo de reformulação curricular. O Projeto Acadêmico está baseado numa avaliação interna do curso na área de Pedagogia, em uma visão crítica da função social da educação na sociedade moderna e uma redefinição do papel das universidades públicas como agências formadoras.

Como informado inicialmente no trabalho, os enfoques são as tecnologias digitais e o pedagogo. Neste último e mais precisamente na sua formação, currículo e ambientação com a atualidade tecnológica.

Esta preocupação é posta, pois enquanto futuros pedagogos um dos nossos campos de atuação, em que podemos vislumbrar uma inserção no mercado de trabalho, é para atuarmos na Educação pré-escolar, nas séries iniciais do Ensino Fundamental, na Educação de Jovens e Adultos e nas áreas de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos (BRASIL, 2005). Todavia nada impedindo que estejamos voltados também para áreas profissionais diversificadas da educação.

O curso da Universidade de Brasília forma para a educação, mas se preocupa (em seu Projeto Acadêmico) com a sociedade, do mundo do trabalho e das mais diversas necessidades para uma reformulação curricular devido a crescente incorporação da ciência e da tecnologia. Dentre a diversa gama de possibilidades com a expansão do mercado querequer profissionais preparados.

De acordo com a Resolução CNE/CP nº. 1 de maio de 2006, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia (licenciatura), é visto que de forma sintética há uma tendência a ser breve no discorrer dos artigos. Principalmente no que tange à descrição de para qual exercício de docência o curso se dispõe a formar o sujeito. Segue artigo em questão:

¹ O atual Projeto Acadêmico do Curso de Pedagogia da UnB está em vigor desde dezembro de 2002. O processo que o originou iniciou-se no ano de 1997, justificado pela promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB n.º 9394 no ano anterior, partindo da premissa de reformular o currículo do curso de Pedagogia.

“Art. 2º As Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia aplicam-se à formação inicial para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.” (BRASIL, 2006)

É inegável que há dificuldade de se ter uma identidade própria do curso de Pedagogia e do profissional pedagogo (BISSOLLI DA SILVA, 1999). E com o artigo 2º das Diretrizes Curriculares de 2006, podemos verificar que o campo de atuação do graduando do curso de Pedagogia é onde haja necessidade de conhecimentos pedagógicos. Portanto, acredito que na atualidade podemos fazer uma conexão com as tecnologias digitais e a área de educação.

Há necessidade de conhecimentos pedagógicos quando da utilização das tecnologias digitais, tanto em âmbito de aprendizado na formação do licenciado em Pedagogia quanto na sua atuação em sala de aula. Para utilizar as tecnologias digitais como ferramentas meio na construção do processo de ensino-aprendizagem dos discentes com participação efetiva de um profissional qualificado para estas ferramentas. Por isso é necessária uma atenção mais acurada ao descrever como está sendo esta utilização atualmente.

A análise de falta de uma identidade no curso de Pedagogia não é somente minha e há uma corroboração histórica respaldada em pareceres e decretos pontuais. Cito Parecer n.º 970/99 que propôs no CNE (Conselho Nacional de Educação do mesmo ano) a retirada da formação de professores para a educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental dos cursos de Pedagogia e o Decreto n.º 3.276/99 ao qual instituiu em seu art. 3º, § 2º, que “a formação em nível superior de professores para a atuação multidisciplinar destinada ao magistério na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental far-se-á exclusivamente em cursos normais superiores” (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2007, p. 85).

Com isso, o curso de pedagogia perdeu a prerrogativa de formar o professor. Mais tarde o “exclusivamente” foi substituído pelo “preferencialmente” no artigo 1º do Decreto n.º 3.554/00 gerando mais polêmica e dificuldade para o entendimento e determinação da estrutura do curso de Pedagogia e a quem realmente se forma nele.

Mesmo com crises de identidades, ainda podemos ver resistências de formas pontuais. Como em alguns sítios da Unicamp² e da própria FE (Faculdade de Educação) da UnB³ onde repudiam o Decreto 3.276/99 e o Parecer n.º 970/99, mas que necessitam de continuidade para integrar a realidade da formação do profissional pedagogo. Mas como o tema do trabalho não é discorrer sobre decretos não será desenvolvido sobre este assunto. Obviamente considero que possa ter havido (e continua havendo) levante com maiores proporções em outras universidades, entidades ou instâncias mais elevadas e que perpetuam a luta e procura de solução e melhoramento da graduação do licenciado em Pedagogia, e porque não, em outras licenciaturas.

Políticas e legislações aplicadas devem existir para que construam uma identidade do curso de Pedagogia e seu currículo. E uma atenção mais pontual de como tratar o termo tecnologia digital na formação do pedagogo. Uma construção de identidade e desenvolvimento do saber tecnológico que vislumbre toda a dinâmica há de se fazer necessário. Deve-se dar atenção à complexidade que o ensino se ramifica no currículo de Pedagogia com sua diversidade de disciplinas (nas áreas de Psicologia, Políticas, Alfabetização, Filosofia, etc.) e em seus mais diversos Projetos Curriculares (Economia Solidária; Gestão, Política e Tecnologias; Inclusão e Alfabetização; Filosofia na Escola; dentre outros.). É interessante fazer conexões entre disciplinas e projetos mais mensuráveis e saber a melhor forma de utilizar recursos tecnológicos como ferramentas meio e não como fim no processo de ensino-aprendizagem.

Atualmente o que se vê no currículo das principais universidades federais, e em particular da UnB (Universidade de Brasília), é a possibilidade

²http://www.lite.fae.unicamp.br/grupos/formac/carta_unesp.html e <http://www.lite.fae.unicamp.br/grupos/formac/decreto/ofsd1.htm>.

³http://www.fe.unb.br/forumprof/formacao_inicial.htm

do próprio graduando determinar qual profissional que quer se tornar (ponto que exaltei no memorial educativo). O futuro graduado determina qual o enfoque que quer dar no seu aprendizado e construção de formação.

Mas será que mesmo este currículo que é amplo (tenho que concordar, pois podemos enveredar no campo da psicologia, da gestão, da filosofia, da economia solidária, da educação de jovens e adultos, e porque não, da prerrogativa inicial do curso que é das séries iniciais) é o apropriado? O currículo possibilita o preparo com as novas tendências? Qual o grau de preparo profissional que um discente que vem de um nível de educação (ensino fundamental e ensino médio) com deficiências tem em relação a ser um profissional professor (como se forma) e de sua necessidade de aprender a usar as ferramentas tecnológicas? Estas que devem ser utilizadas pelos futuros graduandos tanto em ambiente físico quanto na educação à distância (BARRETO, 2002, p. 140) passando por um currículo que contemple tais ferramentas.

Ao final da graduação do licenciado, em particular o da Pedagogia, temos que estar aptos para o mercado de trabalho. Este que necessita também de aptidões, inclusive em tecnologias. Pois quando o graduando estiver em sala de aula, este deve estar qualificado para usar as ferramentas das tecnologias digitais e das TIC.

Segundo MORAN (2013) há dificuldades. Como a escola ser uma instituição mais tradicional que inovadora. A cultura escolar tem resistido bravamente às mudanças. Os modelos de ensino focados no professor continuam predominando, apesar dos avanços teóricos em busca de mudanças do foco do ensino para o de aprendizagem. Tudo isto nos mostra que não será fácil mudar esta cultura escolar tradicional. Além do fato dos alunos estarem prontos para a multimídia, enquanto os professores em geral, não.

O autor continua apontando que os docentes sentem cada vez mais o descompasso no domínio das tecnologias e, em geral, tentam segurar o máximo que podem, fazendo pequenas concessões, sem mudar o essencial. Creio que muitos professores têm medo de revelar sua dificuldade na formação diante do seu alunado. Por isso, e pelo hábito, mantêm uma estrutura

repressiva, controladora, repetidora e apenas transmissora de conhecimento tradicional. Os professores percebem que precisam mudar, mas não sabem bem como fazê-lo e não estão preparados para experimentar com segurança. Muitas instituições também exigem mudanças dos professores sem dar-lhes condições para que eles as efetuem.

Frequentemente algumas organizações introduzem computadores, conectam as escolas com a Internet e esperam que só isso melhore os problemas do ensino. Os administradores se frustram ao ver que tanto esforço e dinheiro empatados não se traduzem em mudanças significativas nas aulas e nas atitudes do corpo docente (MORAN, 2013). Frustração esta que vi refletida na diretora e nos professores da Escola Classe 02 da Candangolândia/DF. A escola tem uma sala de informática, que segundo relato dos professores, as máquinas estão todas funcionando, porém não estão sendo utilizadas, devido a escola não ter profissionais habilitados para trabalharem com esse recurso.

O primeiro passo é procurar de todas as formas tornar viável o acesso frequente e personalizado dos educadores no que tange à internet, computadores, hipermídia, hipertexto e outras ferramentas tecnológicas. Ajudando na familiarização nestes aplicativos, aprendendo a lidar com a informação e o conhecimento de formas novas (MORAN, 2009).

Para MORAN (2009) as benfeitorias do computador são enormes:

“Cada vez mais poderoso em recursos, velocidade, programas e comunicação, o computador nos permite pesquisar, simular situações, testar conhecimentos específicos, descobrir novos conceitos, lugares, idéias. Produzir novos textos, avaliações, experiências. As possibilidades vão desde seguir algo pronto (tutorial), apoiar-se em algo semidesenhado para complementá-lo até criar algo diferente, sozinho ou com outros.”(MORAN, 2009, p.44)

A maior parte dos cursos presenciais e *on-line* continua focada no conteúdo, focada na informação, no professor, no aluno individualmente e na interação com o professor/tutor. Convém que os cursos hoje – principalmente os de formação – sejam focados na construção do conhecimento e na interação. No equilíbrio entre o individual e o grupal, entre conteúdo e interação

(aprendizagem cooperativa), um conteúdo em parte preparado e em parte construído ao longo do curso.

Estamos vivendo, o que SAVIANI (1994) aponta como, a Segunda Revolução Industrial ou Revolução da Informática ou Revolução da Automação. Os cursos de formação devem fazer seu manifesto revolucionário para preparar os educadores para a advinda do novo.

O questionamento surge de como formar um professor em que é necessário um processo de ensino-aprendizagem que esteja intrinsecamente ligado de fato às novas tecnologias digitais. Termo usado (e acredito que não deve ser usado de forma efêmera apenas), pois o cenário de hoje é de obsolescência do que o mercado consome que incide diretamente na velocidade vertiginosa da evolução tecnológica. Processadores que há aproximadamente vinte (20) anos estavam com um “*clock*” de sessenta (60) MHz, hoje estão trabalhando na casa acima de três (3) GHz.

Portanto as novas tecnologias digitais (tanto em hardware e software) sempre serão novas a cada ciclo e a cada dobra de velocidade. Ou no surgimento de novos “brinquedinhos” ou na adequação para as análises de requisitos de sistemas, bancos de dados ou programas em geral, independente da linguagem usada (*Php, Java, C++, Clipper, etc.*). Não são processos estagnados e que atinjam um finito em resolutivo. Estas devem ser deliberadas com seus prós e contras sim, é inegável. Mas ficar deliberando inconclusivamente apenas em sala de aula e não se ter um treinamento para entendê-las de fato, pensando e construindo com elas é um ledão engano. Devemos deliberar sobre tecnologias digitais e Tecnologias de Informação e Comunicação, acreditando que temos propriedade no que iremos falar e não somente cometendo de falácias para um discurso pré-determinado que torna-se ufanista e de certo modo utópico num viés pejorativo.

Quando tratamos de interdisciplinaridade em sala de aula para instigar a mescla dos âmbitos de conhecimento do ser humano em áreas ditas distintas remetendo da necessidade de motivar os sujeitos em sala de aula, cometemos o antigo provérbio “faça o que digo e não o que faço”. Uma das oportunidades que exaltei muito a ação da interdisciplinaridade, foi da união da disciplina de Políticas Públicas de Educação com a disciplina de Administração

das Organizações Educativas em que ambas estavam numa construção de conhecimento em paralelo. Assim também como a tecnologia digital que poderia estar conectada e auxiliando os processos educativos. São diferentes questionamentos apontados até o momento, mas a questão central é: Será que o curso de Pedagogia contribui na formação do pedagogo em diferentes espaços curriculares, utilizando inclusive da mediação que as tecnologias digitais podem realizar?

As disciplinas que são vislumbradas como obrigatórias ou optativas estão vendo o papel do professor mediador sim, tenho que concordar. E estas disciplinas contribuem na formação em vários e diferentes enfoques. Pontuar que o processo democrático é de grande valia não é exclusividade de uma ou outra disciplina. Princípios construtivistas, afetivos e sócio-históricos (Piaget, Wallon e Vygostsky, respectivamente) são fortemente focados nas disciplinas permeadas pela Psicologia. O PPP (Projeto político-pedagógico), o conselho escolar e o papel da gestão democrática são discutidos nas disciplinas, mais, digamos, voltadas à organização e administração da educação. Conceituar e mensurar vertentes filosóficas e teorias dos mais diversos ícones da história humana que estudaram o processo evolutivo desde às lutas de classes à formação da sociedade na mais tenra civilização é base para diversos professores nas suas aulas.

Mas em quanto às tecnologias digitais? Realmente é apenas para serem discutidas se são ou não benéficas? Utilizá-las não como fim, mas como ferramentas é apenas mais uma retórica? Há no curso, que é de humanas, uma ligação mais intrínseca de construção e desenvolvimento em uníssono com as ciências exatas? O pensador não pode ser o mesmo que desenvolve? Ou o mercado de trabalho é tão “cruel” e os currículos são tão obtusos em determinar que um profissional mais completo e preparado para o que a sociedade necessita é uma situação impossível?

Em sala de aula foram colocados posicionamentos interiorizados desde o adentrar no curso de Pedagogia (e ao longo do mesmo) e que faço em paralelo com o curso de Análise de Sistemas. Foi pontuado por mim da importância de certo alguém nas áreas de exatas e que na área de humanas é praticamente colocado como “um agente problematizador” e execrado por

vertentes mais escolanovistas (que deixavam o conteúdo em segundo plano em prol de uma pseudo-análise da realidade do sujeito).

Pergunto: Quem nunca foi apresentado ao “Plano Cartesiano”? E se eu disser que na obra mais solene deste em que homenageado com seu nome em algo ligado a matemática (mais precisamente a construção de gráficos de funções) diz da necessidade de dividir as problemáticas em tantas parcelas necessárias para entender o todo? Este “alguém” descobriu-se na filosofia além da matemática. Áreas antagônicas assim por dizer e que não atrapalharam o desenvolver de seu trabalho. Falo de René Descartes e seu “Discurso do Método” (DESCARTES). Para as exatas o “Penso, logo existo” é o “IF/ELSE-DO” e para o senso comum das humanas, filosofia ultrapassada, obsoleta e que problematiza em demasia.

É tão difícil andarem juntos conhecimentos que podem se complementar e até se ajudarem de forma resoluta em problemas que não encontramos solução na mesma área e que na outra observamos de um outro viés? Não pode haver simbiose ou uma mútua colaboração? Uma visão não antagônica e de complexidade e não reducionista de apenas um campo devesse ter atenção.

Será que é certo afirmar que os cursos das universidades nas áreas de ciências duras trazem um bife duro difícil de digerir, enquanto os cursos das humanas (pedagogia como exemplo) uma sopa “rala e sem sustança”? A resposta pode ser “sim” sem antever e se preocupar com o que o formando quer, o que a sociedade precisa e o que o mercado “pede”. Como estão os projetos acadêmicos, as diretrizes curriculares do curso, as ementas e como o formador está sendo preparado para formar um sujeito mais completo e que tenha autonomia na construção de sua criticidade é a premissa deste TFC. Abordando as tecnologias digitais de forma que sejam impactantes para os graduandos de Pedagogia.

1.2Do Projeto Acadêmico

Assim como o Projeto Acadêmico do curso de Pedagogia teve como premissa inicial uma “reformulação profunda” do curso, este trabalho

pretende, respaldado pela coleta de dados que remetem aos meandros do currículo do curso de formação de pedagogos, elencar a atual configuração e fazer apontamentos e sugestões de possíveis melhoramentos.

Discorrendo sobre o Projeto Acadêmico elaborado, pode ser visto que o processo de reformulação curricular teve início em abril de 1997 com diversos encontros, com a missão de formar educadores capazes de intervir na realidade, através de uma atuação profissional crítica, contextualizada, criativa, ética, coerente e eficaz, buscando a plena realização individual e coletiva.

Inicialmente os seguintes questionamentos foram feitos como base de futuras mudanças: (i) Que objetivos do Curso de Pedagogia persegue hoje?; (ii) As atuais habilitações devem permanecer como base de organização da formação?; (iii) O que significa a base docente na formação do pedagogo?; e (iv) Que demandas e inovações devem ser contempladas ao repensar o Curso de Pedagogia na atual conjuntura? (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2002)

Todas estas questões foram colocadas para agir de forma a se ter uma avaliação interna da formação no curso de graduação de Pedagogia e o sujeito egresso do mesmo. Tendo como amplitude o enfoque tanto além do exercício da profissão em sala de aula tanto como em outros âmbitos educacionais que envolvem as atribuições do pedagogo formado. Isto é feito para que possa ser inserido de forma a atender as necessidades da sociedade e acompanhar as tendências, contornando as limitações que o curso detinha.

Mas como este Projeto Acadêmico em síntese vê o tema tecnologia? Sua preocupação foi a de que como o mundo do trabalho estava em processo de incorporação da ciência e da tecnologia, fez com que os setores da vida social se remodelassem e, por conseguinte, a Educação Superior. Isto explica a demanda de um novo tipo de educação e de pedagogia. Assim como o mundo (entende-se sociedade) muda, a mão-de-obra também necessita de mudança (PRETTO, 2012). Esta mão de obra chama-se professor e é na universidade que este “novo professor” deve ser formado.

O essencial da mudança reside num novo estilo de pedagogia que favoreça, ao mesmo tempo, os aprendizados personalizados e o aprendizado cooperativo em rede. Nesse quadro, o docente é chamado a tornar-se um

mobilizador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2002).

Para a nova natureza do trabalho o Projeto Acadêmico traz a necessidade de cada vez mais aprender, compartilhar saberes e produzir conhecimentos:

“As tecnologias da comunicação e da informação ampliaram consideravelmente e alteraram muitas funções cognitivas humanas além do uso que tinha sido feita da memória, da instrução, da percepção, do raciocínio, etc. Com isso, informações e conhecimentos podem ser produzidos e compartilhados entre um grande número de indivíduos, aumentando assim o potencial de inteligência coletiva dos grupos humanos e modificando profundamente a noção de tempo e espaço na educação e na formação, sobretudo introduzindo o conceito de comunidade de aprendizagem em rede.”(UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2002)

Uma proposta de formação requer a explicação de sua intencionalidade e de seus pressupostos como condição prévia para a formulação do currículo. Não seria diferente no que concerne ao tema tecnologia digital no currículo do pedagogo da Universidade de Brasília. Com a premissa de atenção de não apenas uma mudança do ensino apenas, mas que esta mudança conduza à reforma do pensamento, e assim, o pensamento volte a reformular o ensino num *loop*, ou melhor, uma protocooperação em que ambos se beneficiem. Por isso temos que ter atualmente processos de aprendizagem das universidades que alimentem estas reformulações.

Na produção textual de Marilena Chauí “Universidade Operacional” é apontada características recentes da docência e preocupação no que tange ao processo formativo. Que ao que parece tornou-se uma maneira de transmissão rápida de conhecimento não voltada para perspectivas profissionais com qualidade.

“A docência é entendida como transmissão rápida de conhecimentos, consignados em manuais de fácil leitura para os estudantes, de preferências ricos em ilustrações e com duplicata em CDs. [...] A docência é pensada como habilitação rápida para graduados, que precisam entrar rapidamente num mercado de trabalho do qual serão expulsos em poucos anos, pois

tornam-se, em pouco tempo, jovens obsoletos e descartáveis; ou como correia de transmissão entre pesquisadores e treino para novos pesquisadores. Transmissão e adestramento. Desapareceu, portanto, a marca essencial da docência: a formação.”(CHAUI,1999)

Para SCHEIBE e AGUIAR (1999) a Educação Superior estaria em crise. Justamente pelo não preparo dos sujeitos que se dispõe a formar. Necessita assim, de uma reconfiguração já que não os prepara para o mercado de trabalho.

Deve-se ter uma atenção em especial também em relação a ampliação dos equipamentos e laboratórios que permitam aos docentes, discentes e aos outros sujeitos da instituição universidade, um efetivo acesso aos recursos tecnológicos para a formação de pedagogos e licenciados na era da informação e do conhecimento.

No Projeto Acadêmico é pontuada sobre as oficinas de tecnologia:

“Um desafio complementar no novo currículo é o da formação para e pelo uso das tecnologias da informação e da comunicação(TIC)em educação. Esta formação deverá iniciar-se com uma compreensão do papel da tecnologia na evolução das sociedades para chegar a entender como ela faz parte do processo de desenvolvimento cultural no mundo moderno. Esta visão deverá permear todo o Curso e se concretizar em duas modalidades distintas: nas Oficinas de Comunicação e Tecnologia e na vivência das tecnologias interativas *on-line*, resultado da incorporação de tais tecnologias ao processo de formação e de aprendizagem, tirando partido da flexibilização dos tempos e espaços propiciada pelas TIC.É uma resposta que cabe à Faculdade de Educação realizar, fiel à sua missão, formando educadores na sociedade da informação e do conhecimento. Esta formação, oferecida em Oficinas e Seminários e o mais possível vivenciada em todos os espaços curriculares, deverá ser alcançada tanto teórica quanto vivencialmente.”(UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2002)

Vale apontar e frisar no trecho do Projeto acima que há uma necessidade de iniciar a formação com a compreensão do papel da tecnologia na evolução da sociedade e suas ramificações colaborativas. Inclusive ação esta que permeie todo o curso em teoria e na prática. Quando o futuro

educador é levado a fazer opções quanto ao seu perfil profissional que ele pretende ter enquanto a sua formação, é mais do que satisfatório o currículo e o projeto acadêmico da universidade dar respaldo teórico e também dar as práticas educativas para culminar na elaboração do projeto profissional próprio do graduando.

Não se pode considerar que a Pedagogia se destina a formar qualquer outro campo profissional além do que a Pedagogia lhe cabe (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA), porém considerar as ferramentas profissionais de outros âmbitos pode ser um facilitador no curso.

1.3 Das Diretrizes Curriculares, LDB n.º 9394/96 e Resoluções

Nas Diretrizes Curriculares do curso de Pedagogia que orientam e normatizam a formação dos técnicos em educação, há a presença das tecnologias (BRASIL, 2005). Mesmo sendo uma construção regida pelo Conselho Nacional de Educação de mais de 25 anos tem a ênfase de formação dos graduandos em Pedagogia, para contemplar, entre muitos outros temas as novas tecnologias de informação e comunicação aplicadas à educação com objetivos bem traçados. Como a produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não-escolares. Pois o professor não deve ser aquele profissional que fica apenas atrás dos muros das escolas. O profissional da educação, que está pronto a praticar sua profissão, tem que exercer sua prática educativa aonde exista uma ação pedagógica, independente do local e do meio que escolhe como ferramenta.

As diretrizes também são bem claras das aptidões do egresso do curso de Pedagogia no que concerne às TIC:

- relacionar as linguagens dos meios de comunicação aplicadas à educação, nos processos didático-pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias de informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas.

Portanto, o pedagogo precisa dominar as tecnologias e para isso o curso que o forma deve se organizar e oferecer formação para o exercício integrado indissociável das Tecnologias de Informação e Comunicação. Sendo o projeto pedagógico de cada instituição um norteador para que o histórico escolar daquele egresso comprove estas aptidões.

Assim como é importante considerar, que nos anos iniciais do Ensino Fundamental os alunos precisam ser apresentados aos códigos da língua escrita e da linguagem matemática, acredito que o licenciado também precisa ser apresentado as ferramentas tecnológicas para que saiba o seu manuseio e que possa transferir este conhecimento também.

No Parecer CNE/CP N.º 9 de 8 de maio de 2001, que discorre sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação, é verificado no tópico 3.2.7 - Ausência de conteúdos relativos às tecnologias da informação e das comunicações, que são raras as iniciativas no sentido de garantir que o futuro professor aprenda a usar, no exercício da docência, computador, rádio, videocassete, gravador, calculadora, internet e a lidar com programas e softwares educativos. Mais raras, ainda, são as possibilidades de desenvolver, no cotidiano do curso, os conteúdos curriculares das diferentes áreas e disciplinas, por meio das diferentes tecnologias.

E o CNE/CP N.º 9 continua:

“Urge, pois, inserir as diversas tecnologias da informação e das comunicações no desenvolvimento dos cursos de formação de professores, preparando-os para a finalidade mais nobre da educação escolar: a gestão e a definição de referências éticas, científicas e estéticas para a troca e negociação de sentido, que acontece especialmente na interação e no trabalho escolar coletivo. Gerir e referir o sentido será o mais importante e o professor precisará aprender a fazê-lo em ambientes reais e virtuais.”(BRASIL, 2001)

Na Resolução CNE/CP N.º 1 de 15 de maio de 2006 (que também institui Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia) no seu artigo 2º § 2 é apontado que o curso de Pedagogia, por meio de estudos teórico-práticos, investigação e reflexão crítica, propiciará: a aplicação ao campo da educação, de contribuições, entre outras, de conhecimentos como o filosófico, o

antropológico, o ambiental-ecológico, o psicológico, o linguístico, o sociológico, o político, o econômico, o cultural. Portanto, não é apontado sobre o campo tecnológico.

Mas que logo no artigo 5º VII desta mesma Resolução lembra das TIC:

- relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação, nos processos didático-pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias de informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas.

Há a necessidade de até mesmo nas Diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia (cito CNE/CP n.º 5/2005 e CNE/CP n.º 1/2006) um aprofundamento e maior detalhamento em relação ao tema tecnologia. A própria LDB n.º 9394/96 conseguiu tratar do tema das tecnologias digitais com um pouco mais de especificidades que o assunto merece. Mas que necessita também de reconfigurações constantes, pois as tecnologias são dinâmicas.

O Parecer do Conselho Nacional de Educação n.º 05/2005 aponta que o curso e seus núcleos de estudos devem propiciar a formação daquele profissional que: cuida, educa, administra a aprendizagem, alfabetiza em múltiplas linguagens, estimula e prepara para a continuidade do estudo, participar da gestão escolar, imprime sentido pedagógico e práticas escolares e não escolares, compartilha os conhecimentos adquiridos em sua prática. Justificando as exigências e o lugar particular do curso de Pedagogia na Educação Superior brasileira.

Porém a questão envolvida e que fica é no que tange a alfabetizar em múltiplas linguagens. Pode ser considerada ou não a tecnologia como uma linguagem a ser alfabetizada? Se sim, é necessário o próprio docente alfabetizar-se primeiro no próprio curso em que é formado para que esteja preparado para o exercício desta ferramenta.

Tanto a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 (Capítulo III Art. 39 e Capítulo IV Art. 43 Item III), que normatiza, quanto o que diz BARRETO (2002) em seu livro “Formação de professores, tecnologias e linguagens” concordam em que a análise da configuração atual da docência não pode estar

desvinculada da relação entre ensino e pesquisa, nas suas várias dimensões (podendo entender as tecnologias digitais). Mas é impreciso o como estas tecnologias têm sido incorporadas aos processos pedagógicos, no currículo e na formação.

Seguem os artigos apontados acima que constam na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9394, de 20 de dezembro de 1996:

Art. 39º. A educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva.

Parágrafo único. O aluno matriculado ou egresso do ensino fundamental, médio e superior, bem como o trabalhador em geral, jovem ou adulto, contará com a possibilidade de acesso à educação profissional.

Art. 43º. A educação superior tem por finalidade:

III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;

IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;

As Diretrizes, a LDB e as Resoluções (pareceres) apontam um início de preocupação no que tange a formação dos professores em tecnologias e TIC. Mas necessitando de maiores especificações nas linguagens tecnológicas e apontar o como será procedido a integração delas na educação.

BARRETO (2002) aponta que as tecnologias estão ausentes ou distantes, na medida em que as instituições formadoras não têm sido contempladas com maciços aportes tecnológicos. Não havendo onde aprender sobre as tecnologias. Enfim, as Diretrizes, Resoluções e leis normatizam com pouca integração com considerações pedagógicas e estão inscritas no discurso imaginário.

É considerado também que deve haver recursos para viabilizar as tecnologias aliada a educação. Recursos, que é inegável que são escassos, e assim, deterioram o quadro educacional. SHIROMA, MORAES e EVANGELISTA (2007) vão mais além, concluindo que o quadro educacional de deterioração deve-se não à falta de recursos, mas a ineficiência em sua gestão.

1.4 Da formação do licenciado na Pedagogia em tecnologia

Existem interpelações de como está voltada a formação do educador na atualidade e se a formação e o currículo do Pedagogo abrangem a capacitação para as novas tecnologias digitais. A priori, a historicidade, no que concerne a educação com enfoque nas TIC, deve fugir de tendências pedagógicas na prática escolar que remetam a avaliações tradicionais e tecnicistas. Estas, que ainda podem estar sendo perpetuadas nas várias modalidades e níveis de ensino, em particular a Educação Superior.

Avaliações tecnicistas e tradicionais tendem a fazer uso de iniciativas e ideais que já funcionaram no passado, mas que necessitam de reformulação na organização da sociedade brasileira do ponto de vista da educação (cito levante com este ideal, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932 que traçou novos parâmetros para a educação qualitativamente), mas que na atual conjuntura do perfil de educação e do que a sociedade necessita não ocorre.

Esta “necessidade” da sociedade é a de uma reconstrução educacional permanente, com preparo e atualizações no campo curricular, pois a sociedade precisa de profissionais que mesquem o que obteve êxito no passado e que não funciona nos dias atuais com conceitos mais contemporâneos. Sendo ciente que nem tudo que é novo vai ser usado em sua totalidade, mas que deve haver um período de adaptação, pesquisa e avaliação.

Em síntese, há de se ter uma preocupação sobre melhorias e posicionamento na construção de um profissional não apenas na área educacional preparado e mais completo que há hoje em dia. Pois ser apenas

um profissional da educação que se envolva exclusivamente em âmbito do campo educação, entendendo-se também a escola, deixando em segundo plano outros âmbitos é mediano.

Obviamente somos conhecedores que a graduação do licenciado em Pedagogia não é voltada, em sua formação, no enfoque das tecnologias digitais. Que o conhecimento destas (para alguns) devem estar juntas no conhecimento prévio dos recém-ingressados na licenciatura. Contudo, há uma preocupação no Projeto Acadêmico no que se refere em ampliar a base de conhecimento do graduando para uma demanda de um novo tipo de educação e pedagogia que englobe a incorporação da tecnologia aos processos produtivos.

Com o resultado de estudos decorrentes no processo da minha graduação que culminam na síntese de diversos conhecimentos adquiridos na Universidade de Brasília foi constatada a importância de uma educação tecnológica. Com isso, o trabalho de pesquisa que foi realizado visa discorrer sobre o Projeto Acadêmico, juntamente com a LDB n.º 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases), demonstrar conceitos de diversos autores importantes, dos pareceres e resoluções, das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia e discorrer das minhas impressões sobre a proposta inicial do tema. Enfocando a importância das tecnologias e o preparo dos recursos humanos para atender a sociedade.

A importância das tecnologias digitais na formação do graduando em Pedagogia e nas suas práticas pedagógicas vista nesta pesquisa, objetiva elucidar uma reflexão, averiguando de como está sendo estruturado o currículo do curso de Pedagogia da UnB. Nas etapas anteriores do momento em sala de aula, quando da necessidade do uso desta ferramenta tão enfocada nos novos (e velhos) discursos de melhorias na educação e assimilação de conhecimento para o graduando e futuro pedagogo. E também no mundo do trabalho que faz o currículo necessitar de uma reestruturação para atender o que a sociedade precisa.

Reconhecendo que há também as necessidades dos estudantes (dos mais diferentes tipos) que buscam na universidade objetivos próprios (RIBEIRO, p. 145). Há estudantes universitários consumidores que procuram

na universidade certo grau de ilustração intelectual ou certo tipo de convivência social, podendo antes de ingressar no mercado de trabalho, se aperfeiçoar e a universidade tem que dar isto a eles.

Há o estudante profissionalista, que procura uma habilitação formal para o exercício de uma profissão liberal e que com o título de graduação, que o qualifica para o mercado profissional. Isto faz com que a universidade tenha maior atenção em sua qualificação e dê o aporte para fazer dele um bom profissional e conectado as novas tendências, ou seja, atualizado e qualificado.

Segundo RIBEIRO (1969) há uma terceira categoria que é representada por dois tipos de estudantes acadêmicos: o técnico profissional e o universitário.

“Com estas expressões se indica o estudante que tem interesse superior pelos estudos e uma capacidade intelectual acima da comum e que aspira a alcançar um nível preeminente no campo que escolheu, seja como um futuro profissional destacado, seja como um futuro docente universitário.”(RIBEIRO,1969)

Onde neste último tipo de estudante o papel da universidade deve elevar-se ainda mais. Sendo dever dela, descobrir estes sujeitos, cuidar deles, orientá-los e treiná-los. Tendo uma atenção de trabalhar com suas potencialidades de forma muito mais ambiciosa.

Enfim, a universidade deve estar preparada para os mais diversos tipos de estudantes e disponibilizando a eles o que tem de melhor. Atenta em mostrar um currículo que esteja em sintonia e aperfeiçoamento constante com o que a sociedade está demonstrando querer em termos de profissional, de técnico ou de futuros docentes, atualizada com as novas tendências, inclusive no que concerne às tecnologias digitais.

No próximo capítulo será desenvolvida a temática das tecnologias digitais e das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e sobre sua importância na qualificação do pedagogo. Aponta-se suas especificidades para entendimento destes instrumentos como auxiliares na educação.

CAPÍTULO 2

A IMPORTÂNCIA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

“A minha questão não é acabar com a escola, é mudá-la completamente, é radicalmente fazer que nasça dela um novo ser tão atual quanto a tecnologia. Eu continuo litando no sentido de pôr a escola à altura do seu tempo. E pôr a escola à altura do seu tempo não é soterrá-la, mas refazê-la.”

(FREIRE& PAPERT, 1996)

2.1 Tecnologias Digitais

A história da tecnologia digital remete ao século XX, que parte da ideia de ser uma tecnologia em que a informação é gravada numa lógica de código binário, sendo 0 ou 1. Representando palavras e imagens e permitindo compactar uma imensa quantidade de informações em dispositivos de armazenamento.

A educação, nos moldes atuais, pode até querer verificar se esta nova “presença” da tecnologia realmente pode ser útil, melhorando a qualidade de ensino. É natural também, que os educadores tenham receio da imposição, da moda e do efeito do novo, assim como o uso dos computadores. Mas o uso do instrumento novo é para gerar efeitos novos.

“O homem inventou o livro, a fotografia, o vídeo e outros instrumentos. O ensino adotou o livro, a fotografia, o vídeo e os outros. Nenhum deles nasceu de uma necessidade expressa pela educação, mas uma vez inventados, tornaram-se indispensáveis para ela.”(MARQUES; MATTOS; TAILLE, p. 16)

O computador é um destes instrumentos e é uma tecnologia digital. No primeiro momento esta informação pode gerar até espanto, mas na lógica binária ele se enquadra, pois ele funciona com os preceitos de 0 ou 1 (desligado ou ligado respectivamente). Este instrumento enfrenta várias discussões sobre sua validade. Assim como foi quando da invenção da gráfica

e da comercialização dos livros, podendo os alunos a ter possibilidade de acesso aos textos, e por fim ao conhecimento. Os instrumentos revolucionam na sua chegada, mas não sozinhos. O debate não é somente o uso em si dos novos instrumentos e nem apenas o como utilizá-los, mas sim, treinar e qualificar os recursos humanos que possam utilizá-los.

Acredito que com a advinda das novas tecnologias digitais houve e há críticas consideráveis quando do “salto” destas novas tendências. Assim como de quando o homem passou a registrar seu ambiente com desenhos em pedras em épocas iniciais da civilização. Quando este mesmo homem passou a deixar a sua marca de existência em papéis, rompendo com o antigo, gerando estranhamento.

Da mesma forma quando a civilização já conformada com o meio de comunicação via papel (livros, revistas e adjacentes) teve a surpresa de que com a informática e internet, com suas facilidades, poderia também gerar conhecimento, proliferar este mesmo conhecimento e construí-lo também.

É fato que o novo hoje irá ser o velho amanhã. Mentres puritanas e conservadoras irão criticar qualquer ruptura com o que os deixavam confortáveis. Isto se dá pelo desequilíbrio que o ser humano ao se ver numa situação de novo panorama, tenta se reajustar e entrar em equilíbrio com o meio. Vide conceitos de Jean Piaget no processo de cognição do ser em busca deste rearranjo mental. Fazendo da acomodação um processo em que com o novo há um ajuste dos esquemas para com o velho. E com a assimilação uma construção de novos esquemas que antes não havia. A equilibração (PIAGET, 1975) na visão “piagetiana” é muito elucidativa neste aspecto da advinda do novo, pois vê o sujeito que ao entrar em contato com um objeto desconhecido, discorre que pode este sujeito entrar em conflito com esse objeto, oferecendo assim, resistência para com o novo e tendo (e é inevitável que tenha) um reajuste modificando suas estruturas iniciais para se equilibrar.

O que quero propor neste trabalho, é que ao se tentar entender as tecnologias no currículo e seu impacto na formação dos futuros pedagogos, poderemos verificar possíveis formas de remodelar os currículos e a formação de um profissional da educação (os futuros licenciados). LIBÂNEO (1998) enfatiza que outras áreas de conhecimento não devem ficar ausentes da

formação deste profissional (educador), tais como a informática, as teorias da comunicação e outras.

O currículo reformado deve ter espaço para as novas tecnologias digitais de forma que sejam colaborativas e se prestem como auxílio na construção do saber. Respeitando os desequilíbrios, mas focando num reequilíbrio rapidamente. E como fazer este reequilíbrio? Adotando uma postura de formação e contrapor a ignorância daquilo que bate as nossas portas: o futuro tecnológico. Deve-se ensinar ao menos o básico aos educadores com possibilidade de habilitações, educação continuada e especializações.

É deveras dificultoso questionar qual é o básico de informática (entenda-se também tecnologia digital). É subjetivo e a resposta desta interpelação é uma incógnita. Mesmo eu tendo uma experiência considerável na área de informática (hardware, software, internet e redes de computadores) me vi numa “saia justa” quando ao adentrar no meu atual vínculo empregatício. Fui interpelado se conhecia inicialmente o software Microsoft Excel. Respondi que sim. Continuando na entrevista fui perguntado se conhecia a fórmula básica “PROCV”. Mesmo com minha crença que era experiente o suficiente nas tecnologias, vi-me numa situação que não sabia do que a entrevistadora falava. Naquele momento o básico para entrar na empresa era algo desconhecido para minha pessoa. Para “contornar” a situação e transformar o final da entrevista de forma positiva ao meu favor (observando que trabalho na empresa até hoje) consegui o emprego, pois disse: “Não conheço esta fórmula, mas estou pronto para conhecê-la. É só ensinar”.

Então qual é o problema? É ensinar meus caros. Aonde? Nos cursos de formação das licenciaturas. Como? Remodelando currículos, integrando-os as tecnologias e reestruturando ementas defasadas também deve ser considerado.

Definir qual é o básico é subjetivo e de qual necessidade o formando está precisando, somente ele pode ser capaz de responder. O problema inicial é apenas dar um “*start*”, ou no velho coloquial dizer: um “empurrãozinho”. Que com o tempo ajustes serão feitos e o que funciona ou não será diagnosticado. O que ensinar? Tenho minhas predileções: gerenciadores de banco de dados

para pesquisa, editores de textos para os leigos, planilhas eletrônicas para quesitos de avaliação e administração, lógica básica, slides e animações para serem usadas de forma lúdica, treinamento/utilização/construção de ambientes virtuais com hipertextos didáticos, princípios de Educação à distância, programação para construção de *softwares* educativos, *hardware*, rede, e outros.

2.2 Tecnologias de Informação e Comunicação

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e, principalmente a Internet, alteraram profundamente a forma como comunicamos, vivemos e nos relacionamos.

As TIC oferecem possibilidades extraordinárias à educação, presencial ou a distância, pois é possível desenvolver atividades educativas em lugares e tempos diversos.

A educação presencial beneficia-se da qualidade que as tecnologias podem adicionar à relação aluno/professor. No que tange a educação a distância, temos que ser racionais de que o efeito das novas tecnologias, tanto pode reproduzir o isolamento quanto ampliar a eficácia e a interação do processo educativo.

Uma das formas de utilização das TIC, para que os alunos se apropriem delas e não corroborem com o efeito isolamento, seria a integração destas com as disciplinas curriculares como, por exemplo, português, matemática, química. O professor poderá ver os níveis de competências dos alunos, e seu também, na utilização das TIC, além de dinamizar o conteúdo. GODOI(2012) coloca que é necessário saber utilizar essas tecnologias em prol do conhecimento:

“Não basta usar os recursos tecnológicos para projetar em uma tela a equação ‘ $2 + 2 = 4$ ’. Você pode escrever isso no quadro negro, com giz. A questão é como ensinar a matemática de uma maneira que só é possível por meio das novas tecnologias, porque elas fornecem possibilidades de construção do conhecimento que o quadro negro e o giz não permitem.” (GODOI, 2012)

De acordo com GODOI(2012) é necessário avançar muito. É incipiente a formação de professores com a perspectiva de criação de competências no uso das tecnologias na escola. Existe a formação continuada que é a atualização em serviço dos profissionais da educação, além disso, há uma série de programas disponíveis que oferecem recursos a estes professores (UAB-Universidade Aberta do Brasil, TV Escola, ProInfo-Programa Nacional de Tecnologia Educacional, programas estaduais e municipais de tecnologia educacional e outros programas e ações de formação em tecnologia educacional). Contudo, reitero a prerrogativa de atenção nos cursos de formação. Principalmente na licenciatura de graduação do curso de Pedagogia.

As TIC já fazem parte do cotidiano de alunos e professores e o desafio é fazer com que estas ferramentas de fato auxiliem o ensino e a produção de conhecimento nas salas de aula, porque a presença dela somente, não significa o uso pedagógico adequado.

Os professores devem saber utilizar as ferramentas para poder assim aplicá-las, logo são necessários cursos voltados aos professores, para que eles dominem essas novas ferramentas para fazer o melhor uso possível em sala de aula.

Além de uma educação continuada para os educadores, é necessária uma nova configuração nos currículos de graduação e uma prática inovadora das licenciaturas. Com a preocupação de antever o que hoje é uma problemática de aprendizado para o professor em sala de aula, de um professor que não domina as TIC e não sabe como tirar o máximo das mesmas para um uso pedagógico mais acurado em suas turmas.

A educação continuada na atual conjuntura da realidade, em que se encontra a educação, é um remédio paliativo, para não considerar um remédio placebo. Ainda não se entendeu a força que as ferramentas tecnológicas podem incidir diretamente na construção de um processo de ensino e aprendizagem de excelência para com os discentes e os docentes.

Caso haja uma real disposição de reconfigurar e moldar os currículos das universidades para que estejam em sintonia com a advinda das

tecnologias, não haverá a dificuldade que se vê, em que se tem o aparato mas não se tem profissionais qualificados. No que tange ao preparo dos profissionais da educação, ainda não há um levantamento adequado para considerarmos o docente preparado e pronto para atender o que a instituição escola precisa no momento, não somente a escola com o seu tempo e espaço já pré-determinados, mas também aquela que a informação é que se desloca.

Apesar de a tecnologia ser muito útil e necessária no nosso cotidiano é importante perceber a questão da dependência da tecnologia. Já que na sociedade atual ela está em todas as partes, em todas as atividades socioculturais, escolas, escritórios, fábricas, organizações diversas, sistemas e ambientes, portanto deve ser trabalhada. Se basearmos tudo na tecnologia e dependermos apenas dela, caso falte infraestrutura ou problemas pontuais, acabará restringindo aulas, disciplinas, trabalhos, alunos e professores que usam apenas a tecnologia. É preciso saber utilizá-la de forma consciente e moderada, utilizando outros meios pedagógicos, métodos alternativos, entre outros para as práticas educativas.

O uso das tecnologias em união com o pedagógico é inovador e ao mesmo tempo, é preciso considerar as abordagens de formação dos professores que devem ir além da simples instrumentalização. Deve ser uma articulação entre tecnologia e propostas pedagógicas, segundo VALLIN e RUBIM (2007), sendo o professor não mais um transmissor de informações, e sim um organizador do processo de ensino-aprendizagem.

Na organização e administração da escola as Tecnologias de Informação e Comunicação tem o reconhecimento potencial de auxílio (VALLIN; RUBIM, 2007). No caso do registro da vida escolar dos alunos, da digitalização dos documentos da escola, planilhas eletrônicas, bancos de dados e na facilidade de recuperar dados para a equipe gestora, para os pais e professores.

Contudo, as TIC não devem ser propostas de ação para registrar somente, tendo em vista apenas um controle burocrático. Elas devem ser usadas para auxiliar a escola na produção e construção de conhecimento. Seu uso também como ação de estímulo nas dificuldades de aprendizagem e no preparo qualificado nas ações pedagógicas dos recursos humanos.

Segundo MORAES (2000) a capacitação tecnológica do Brasil, traçada até 1989 visou atender aos interesses militares (Projeto “Brasil Grande Potência”) e a setores da sociedade brasileira preocupados com a acumulação de capital. Enquanto isso a política traçada para atender à formação dos recursos humanos esteve desarticulada, mostrando-se de certa forma estagnada. Sendo, portanto, não disponível uma formação adequada para a classe trabalhadora de uma ferramenta tecnológica. Portanto, pensar um modelo de desenvolvimento na educação no Brasil que englobe a participação popular é de veras importante. A situação de elitismo do conhecimento de certos setores faz com que gere desigualdades sociais. A ciência e a tecnologia (e também as novas tecnologias) devem ter um caráter de neutralidade que não sofra influência de modelos econômicos e políticos para a difusão do saber.

2.3 Do que o pedagogo necessita?

Neste momento do trabalho, apresento uma reflexão no que se refere à necessidade do graduando de pedagogia. Havendo consciência que este tem suas necessidades.

Trabalhar a ideia de melhoramento e aperfeiçoamento de práticas educativas que visem uma melhor qualificação do pedagogo na sua graduação é de veras importante. Este sujeito precisa estar em sintonia com o novo, ser apresentado a novos conteúdos e que seu currículo os integre. Contudo, deve-se evitar a estrita necessidade de conteúdo. Mostrando que existem relações interpessoais e que o mundo não é apenas o conhecimento pelo conhecimento. Que por detrás deste conhecimento tem aquele que é o agente receptor e transmissor do conhecimento e que precisa de um trato mais bem elaborado.

Por isso neste momento, são trazidos os conceitos da economia solidária na educação, tendo como objetivo mostrar a importância do tema e como este pode colaborar para a discussão e em aliança com as novas tendências pedagógicas.

Em toda a trajetória da formação do curso de Pedagogia, são discutidas várias questões que se estendem desde o processo de ensino-aprendizagem, concepção humana, psicologia, gestão, antropologia, sociologia, filosofia, cultura, chegando a abarcar os aspectos sociais, políticos e econômicos. Todas estas questões estão todas imersas no universo educativo e que o pedagogo necessita na sua formação. A concretização de todos esses processos se dá através do diálogo, da interação e socialização, que proporcionam consolidações e diversas concepções pedagógicas. E neste momento abordo sobre a importância da solidariedade.

Os espaços ligados à educação necessitam da solidariedade, pois ela pode gerar mudança. Entre tantos métodos, conceitos, instrumentos e ferramentas, esquecemos das relações. De um fio condutor que possa juntar tudo que envolve o ambiente da educação com seus conteúdos e que trate o ser humano com qualidade.

A discussão da Economia Solidária é nova em nosso país, mais ainda para o currículo de Pedagogia. A Economia Solidária trabalha com os princípios da cooperação, solidariedade, diálogo, autogestão, e acima de tudo justiça. Trabalha com a vertente apoiada no trabalho coletivo, nas relações entre as pessoas e no laço de confiança que existe entre elas. Melhor dizendo, a economia solidária propõe um pensar e um agir fundamentado nesses valores, estes que questionam os valores trazidos pelo modo de produção capitalista, e porque não da elitização dos conhecimentos. Todos devem ter acesso ao conhecimento e ao saber. Inclusive no que tange as tecnologias digitais e às TIC.

O opressor tem uma concepção estritamente materialista da existência, segundo FREIRE (2005). O dinheiro é a medida de todas as coisas, tendo o lucro como principal objetivo. *“Por isso é que, para os opressores, o que vale é ter mais e cada vez mais, à custa, inclusive, do ter menos ou do nada ter dos oprimidos”.* (FREIRE, 2005, p.51)

Para a prática da Economia Solidária é necessário que cada pessoa adquira um comportamento social ajustado na solidariedade, não mais pautado na competição que o mercado estimula. Para GADOTTI *apud* SINGER (2009) esse é o grande desafio pedagógico, pois as pessoas que passam do

capitalismo à economia solidária foram educadas pela sociedade para ter laços de solidariedade apenas com os familiares, amigos companheiros de lutas, com pessoas com os quais tem mais vínculo afetivo e de confiança. Já no plano econômico prevalece sempre a competição, o individualismo, o egoísmo e o desejo sempre de ter mais e explorar os menos favorecidos.

Portanto, faz-se necessário que as pessoas que foram educadas na prática do capitalismo sejam reeducadas. Essa reeducação tem que acontecer a partir da coletividade, pois ela deve ser de todos que participam da transição, do modo competitivo ao cooperativo.

Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido* discute sobre a importância do diálogo para a relação humana. Principalmente nos trabalhos em grupos as pessoas que se sentem auto-suficientes e que acreditam que são competentes ao máximo, consideram que não necessitam de se reeducar e discorrem que podem continuar suas práticas sem a ajuda do próximo.

“A auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não tem humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncias do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber ser tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que em comunhão, buscam saber mais.”(FREIRE, 2005, p.93)

Nesse sentido surge a necessidade da formação de um educador bem preparado para lidar com as diversas situações do cotidiano. Sabedor de suas limitações e consciente que é um ser inacabado, tendo humildade na procura de sua reeducação e disposto a aprender com os outros. A inconclusão (FREIRE, 1996) é inerente do ser humano que consciente disso busca uma inserção no movimento de sua educabilidade e aperfeiçoamento. Daí deixando o caminho da ignorância para o caminho da busca de novos conhecimentos.

O educador deve associar teoria e prática, saber usar as ferramentas de ensino, articular sua prática pedagógica com as novas

tecnologias e desenvolver atividades priorizando valores como: respeito às diferenças, a dignidade humana e a solidariedade. Dessa forma o educador será valorizado para que haja motivação no processo de aprendizagem e de satisfação de querer crescer sempre.

Segundo FREIRE (2005, p. 79), *“ninguém educa ninguém, com tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.”*

O mundo atual está cada vez mais dependente das novas tendências (podendo exemplificar as tecnologias digitais e às TIC), sendo influenciado, mediatizado. Estas influências também acontecem com as mídias tradicionais que em suas exemplificações como jornais, televisão, livros ou rádios são diferentes das redes sociais (exemplos: *blogs, googlegroups, wikipedia, youtube, facebook*, dentre outros), em termos de interatividade, comunicação e compartilhamento, no sentido de “muitos para muitos”.

As mídias sociais, como a Internet e as ferramentas digitais estão inseridas no nosso cotidiano e, conseqüentemente, no contexto escolar, facilitando uma nova dinâmica nas práticas educativas, além de permitir interações sociais mais amplas a partir do compartilhamento e da criação colaborativa/cooperativa de conhecimentos e uma maior acessibilidade à informação e à conectividade com os fatos reais disseminados.

Diante dessa nova realidade, as redes sociais são recursos que permitem uma nova relação dialógica entre educador-educandos, articulando contextos individuais no contexto global. E que podem ser permeados pela solidariedade.

As mudanças no contexto educacional precisam estar acompanhando as mudanças tecnológicas e as mudanças no contexto global, especialmente na produção e no comportamento social. O uso das mídias sociais e de recursos motivadores e inovadores possibilitam uma maior autonomia dos educandos no que se refere a acreditarem que também são autores do conhecimento e que podem aprender com o outro de forma solidária.

De acordo com SANTANA e ROSSINI (2011) o giz, a lousa e as ferramentas digitais podem ser utilizados tanto para manter uma educação que reproduz conhecimento, como para instigar novas formas de ensinar e aprender. Contudo, para que ocorra uma efetiva revolução da educação, em que as mídias sejam utilizadas como mediadoras do conhecimento, é necessário promover uma formação inovadora e longitudinal dos professores com recursos materiais, ferramentas, metodologias que viabilizem a criação de ambientes em uma nova concepção de práticas educativas e mudanças significativas nas estruturas educacionais.

A priori o curso de Pedagogia, de acordo com o artigo 2º das Diretrizes Curriculares Nacionais, forma inicialmente para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. Daí, podemos completar que o curso também poderia formar para a solidariedade e para as novas tendências.

Contudo, a ligação do curso de Pedagogia, pelo senso comum, é muito mais para a Educação Infantil, aí estando minha atenção mais especial. As crianças desde pequenas tem contato com diversas mídias, ferramentas e através delas elas aprendem muita coisa. Nestes contatos possibilitam as crianças a aprenderem de forma prazerosa e dinâmica, seu uso na escola favorece em muito a obtenção de conhecimentos. As crianças por estarem em contato com as variadas novidades tecnológicas desde pequenas, acabam tendo muita facilidade em usá-las, compreendendo bem como funcionam e sabendo explorar o que elas oferecem. Percebe-se então que as TIC, através de suas facilidades e diversidades de uso, favorecem o aprendizado das crianças e podem auxiliar também no trabalho docente.

As crianças aprendem com muito mais entusiasmo e interação de forma prática. Essas mídias já fazem parte do seu cotidiano, além do mais, através das TIC o aprendizado acontece de forma dinâmica e atrativa, incentivando a participação das crianças nas diversas atividades realizadas na sala de aula, com a mediação do professor e funcionando como mais um

recurso de ensino. Daí, pergunto: por que não com os educadores não pode ocorrer a mesma coisa?

Enfim, para que tudo explicitado acima possa ocorrer é necessário que aconteçam transformações significativas e uma educação inovadora que seja pautada nos princípios solidários e do que necessita o pedagogo.

A partir das reflexões teóricas sobre a importância da solidariedade que se traduz no respeito, no diálogo, no amor ao próximo e na ajuda mútua vamos apresentar na prática pedagógica algumas imersões educativas no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

PESQUISA: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS E AS TECNOLOGIAS

“Nunca fui ingênuo apreciador da tecnologia: não a divinizo, de um lado, nem a diabilizo, de outro. Por isso, sempre estive em paz para lidar com ela.”

Paulo Freire

3.1 Sobre a Pesquisa e a Metodologia

O trabalho exposto até o presente momento trabalhou com a teorização no que concerne as tecnologias digitais. Todavia houve uma atenção para que houvesse um trabalho empírico e contextualizado ao tema por parte do autor deste trabalho. Tudo isto foi norteado por uma metodologia de pesquisa exploratória numa abordagem qualitativa num grupo de pesquisa por amostragem com 23 participantes.

A utilização da metodologia exploratória fez realçar o potencial desta como técnica exploratória bibliográfica, e conseqüentemente a sua importância na investigação empírica em geral. A opção pela metodologia exploratória se deu em função da ausência de estudos que aproximem o campo educacional do campo tecnológico como uma prática para a inovação das instituições de ensino. Busca-se com esta metodologia, aproximar-me o mais possível da temática, de perceber o que já foi conceituado, levantando-se documentos e referenciais bibliográficos.

Foi elaborado um questionário para que pudesse ser refletido, compreendido, analisado e medido dos egressos dos cursos de licenciatura suas impressões no que tange às tecnologias. Primeiramente de forma quantitativa e posteriormente havendo uma análise qualitativa dos dados abstraídos.

Para aproximar do objeto de estudo, a pesquisa aconteceu em dois momentos: o primeiro com entrevistas com um formulário físico e o segundo

momento com entrevistas num formulário em ambiente virtual. Este segundo momento foi realizado na ferramenta de criação de formulários *GoogleDocs*. Este que é um pacote de aplicativos do *Google* e funciona *on-line* e de forma interativa, auxiliando como ferramenta tecnológica e diagnóstica.

Com esta ferramenta pude construir um questionário que pudesse auxiliar na busca de informações que este trabalho interpela:

Como está o entendimento e a formação dos licenciados no que concerne às tecnologias? Qual é a experiência dos licenciados com a utilização das novas tecnologias educacionais?

Foram 23 participantes, que agradeço profundamente pela colaboração e que responderam uma série de questionamentos. Dos 23 participantes, 16 são egressos do curso de Pedagogia de diferentes instituições de ensino e 7 são de outras graduações (Letras, História, Letras Português e Processamento de Dados). Sendo 12 participantes no formulário físico e 11 no formulário *on-line* que responderam 4 questões.

3.2 Perguntas da pesquisa

Abaixo estão relacionadas as 4 questões que foram elaboradas para compreender e medir as experiências dos licenciados no que se refere às novas tecnologias:

- 1) Você é familiarizado com os conceitos de tecnologias digitais e TIC (Tecnologia de Informação e Comunicação)?
- 2) Na sua formação como licenciado, houve atenção em especial no que concerne às tecnologias digitais e à TIC no currículo da graduação que fez?
- 3) Quando da sua ação como docente (presente ou futura), você utiliza as tecnologias digitais e as TIC como ferramentas meio na construção do processo de ensino-aprendizagem tanto seu como dos seus alunos? Se sim, em qual momento? Se não, por que não utiliza?

- 4) Na sua opinião, como poderíamos aliar educação e tecnologia?
Dê um exemplo.

A seguir, a análise dos resultados que foram conseguidos com este trabalho empírico, numa experiência vivida em campo e *on-line*, com ferramentas tecnológicas que me facilitaram e me auxiliaram no processo de pesquisa.

3.3 Resultados dos dados coletados na pesquisa

As informações obtidas nos questionários foram transformadas em gráfico. A seguir seguem os gráficos e as análises de cada questão. Refletindo as tendências do grupo pesquisado num universo de pesquisa por amostragem.

Questão I - Você é familiarizado com os conceitos de tecnologias digitais e TIC (Tecnologia de Informação e Comunicação)?

Gráficos

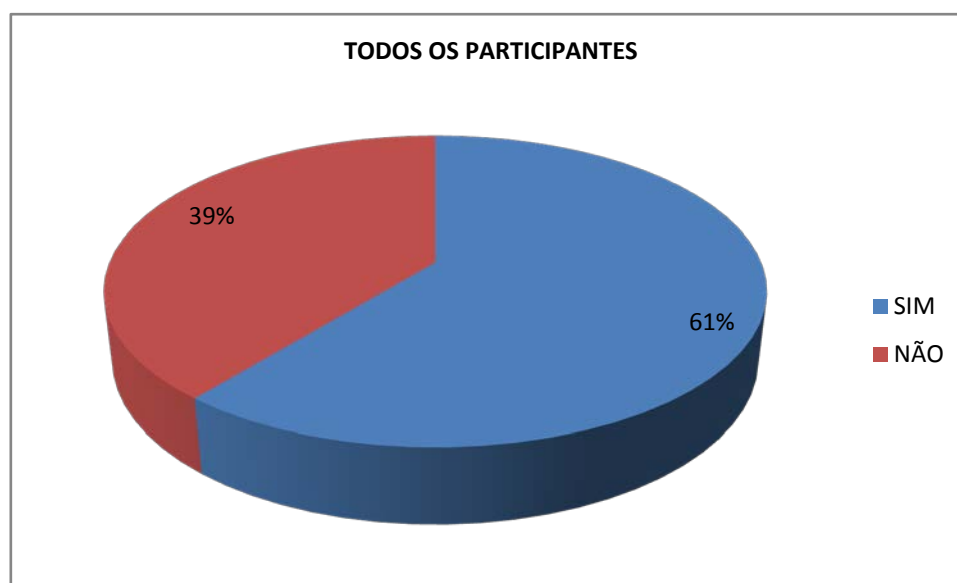


Gráfico 1

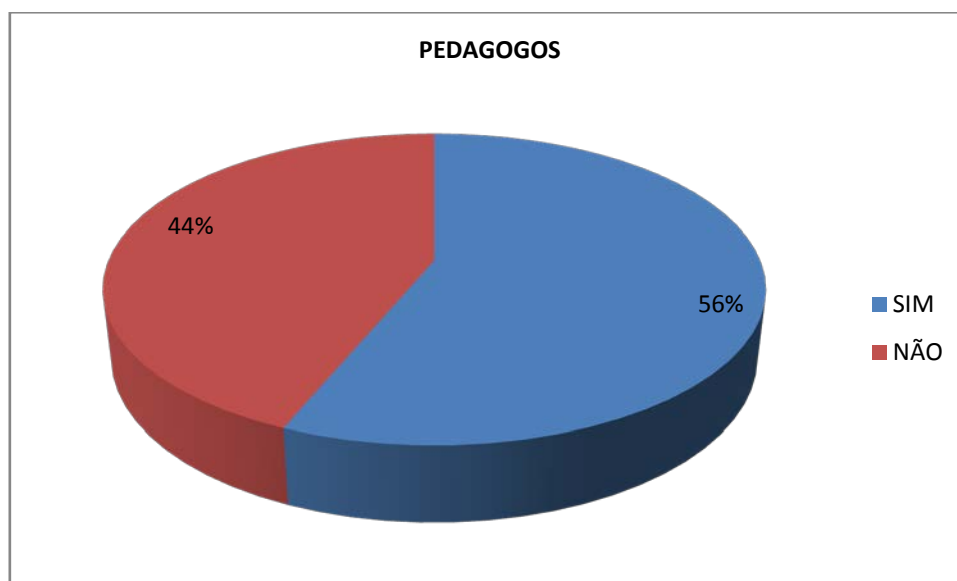


Gráfico 2

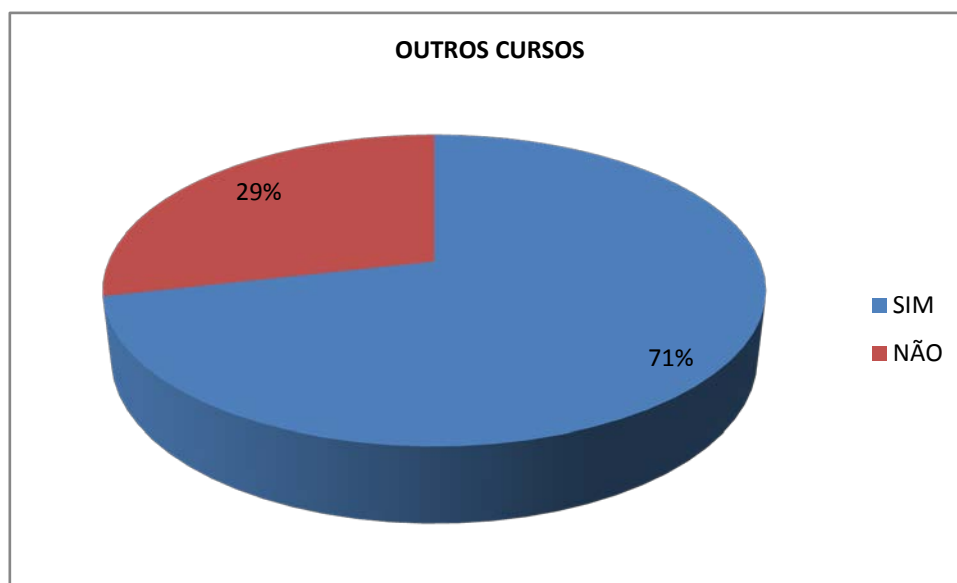


Gráfico 3

No gráfico 1 do grupo total pesquisado (23 participantes), 14(61%) participantes da pesquisa são familiarizados com os conceitos de tecnologias digitais e TIC, sendo 9 (39%) participantes não tendo esta familiarização.

Podemos apontar no gráfico 2, no que tange aos egressos de Pedagogia, que de um total de 16 pedagogos, 9(56%) são familiarizados e 7 (44%) não são. Portanto, no grupo dos egressos de licenciatura em Pedagogia,

pode-se verificar que há uma familiarização e não familiarização bastante equilibrada dos conceitos de tecnologias digitais e TIC.

Por fim, no gráfico 3 que demonstra o resultado da pesquisa com outros egressos de licenciaturas podemos verificar que 5 (71%) participantes são familiarizados, enquanto 2 (29%) não são familiarizados.

Pelos grupos pesquisados e pelas porcentagens abstraídas, podemos colocar que há no grupo pesquisado do curso de Pedagogia índices percentuais inferiores aos outros cursos de licenciatura quando da familiarização com os conceitos de tecnologias digitais e TIC (Tecnologia de Informação e Comunicação).

Assim, pode-se constatar que o entendimento e conhecimento das novas tecnologias por parte das outras licenciaturas estão maiores do que dos licenciados no curso de Pedagogia.

Em síntese, os resultados do primeiro questionamento corrobora a teorização inicial do Trabalho Final de Curso no que concerne a uma reconfiguração do modelo curricular vigente na formação do pedagogo na sua licenciatura.

Questão II - Na sua formação como licenciado, houve atenção em especial no que concerne às tecnologias digitais e à TIC no currículo da graduação que fez?

Gráficos

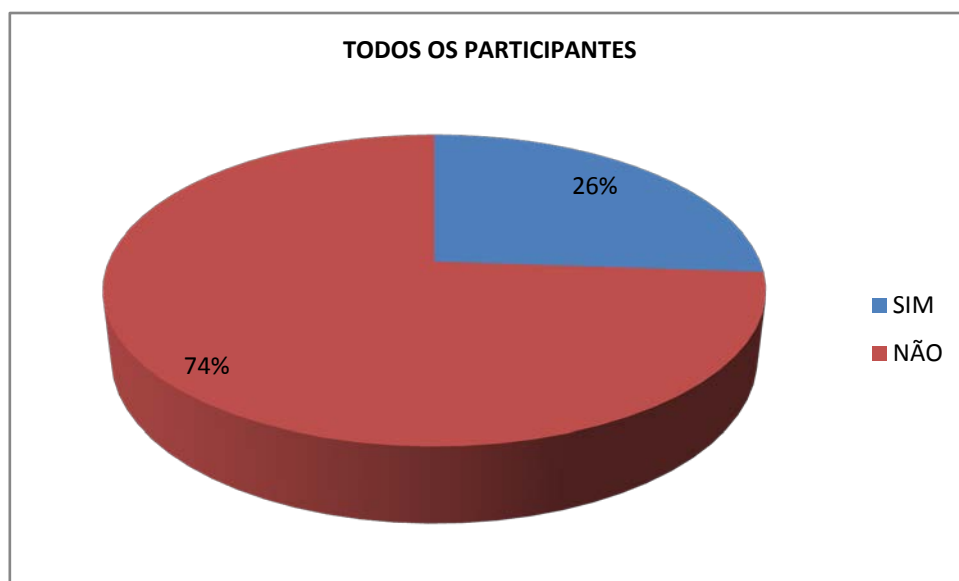


Gráfico 4

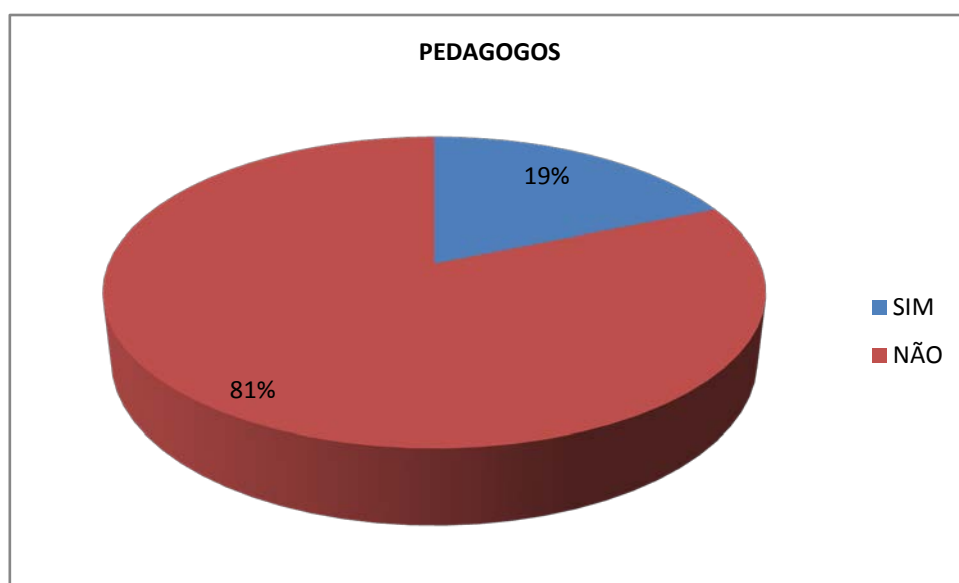


Gráfico 5

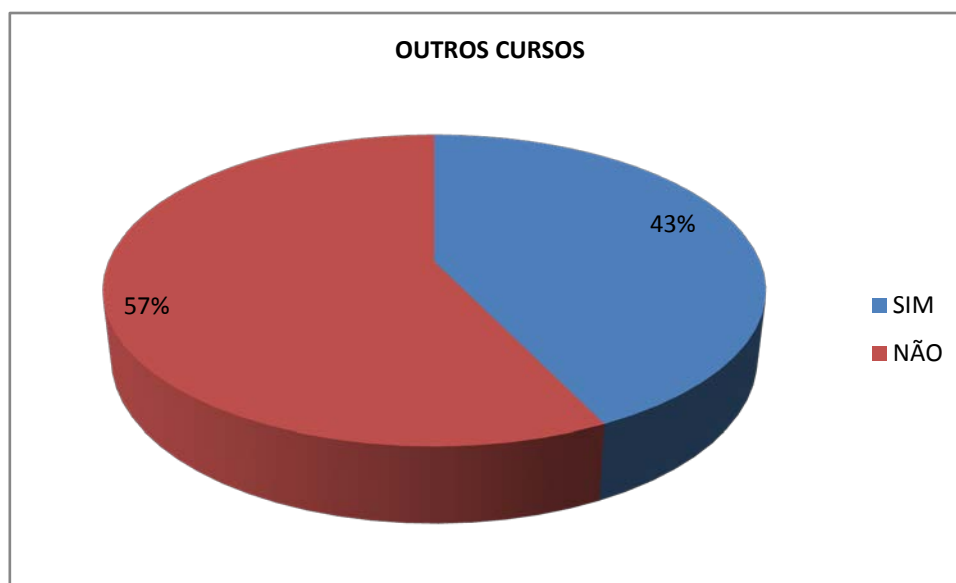


Gráfico 6

Na questão que interpela se na formação como licenciado houve atenção em especial no que concerne às tecnologias digitais e à TIC no currículo da graduação que fizeram, os participantes responderam e está representado da seguinte forma no gráfico 4: 17 (74%) disseram que não houve atenção em especial em sua formação como graduado, enquanto 6(26%) disseram que sim, que houve atenção em especial no que concerne às tecnologias digitais e à TIC.

No grupo Pedagogo do gráfico 5 de um total de 16, responderam que sim 3 (19%) participantes, enquanto 13 (81%) responderam que não houve atenção em especial na sua formação de graduação em Pedagogia no que se refere às tecnologias digitais e às TIC.

Com os resultados obtidos pode-se constatar uma diferença considerável e que necessita de atenção. Pois na formação dos licenciados pedagogos entrevistados pode-se verificar que houve um resultado que transforma esta diferença, daqueles que tiveram e não tiveram atenção nas novas tecnologias, um tanto quanto desproporcional.

Uma diferença que não foi tão acentuada no gráfico 6, que reflete os egressos de outras licenciaturas. Verificamos que de um total de 7 participantes, 3 (43%) disseram que houve atenção às tecnologias digitais e às TIC e 4 (57%) responderam que não houve atenção a elas.

Constatamos, portanto, que no curso de Pedagogia, segundo resposta do grupo pesquisado, uma parcela considerável acusa que na sua formação curricular enquanto licenciados não houve atenção em especial às tecnologias digitais e às TIC. Nos outros cursos de licenciatura uma diferença não tão visível e contrastante foi verificada. Assim, reitero a necessidade de uma inclusão maior das novas tecnologias na capacitação quando da formação na Educação Superior dos graduandos em Pedagogia.

Questão III - Quando da sua ação como docente (presente ou futura), você utiliza as tecnologias digitais e as TIC como ferramentas meio na construção do processo de ensino-aprendizagem tanto seu como dos seus alunos?

Gráficos

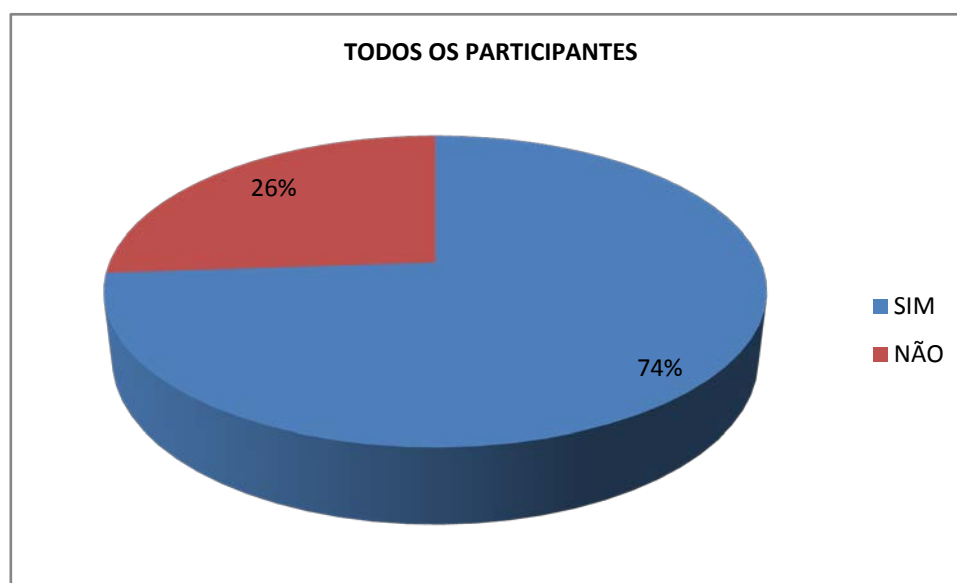


Gráfico 7

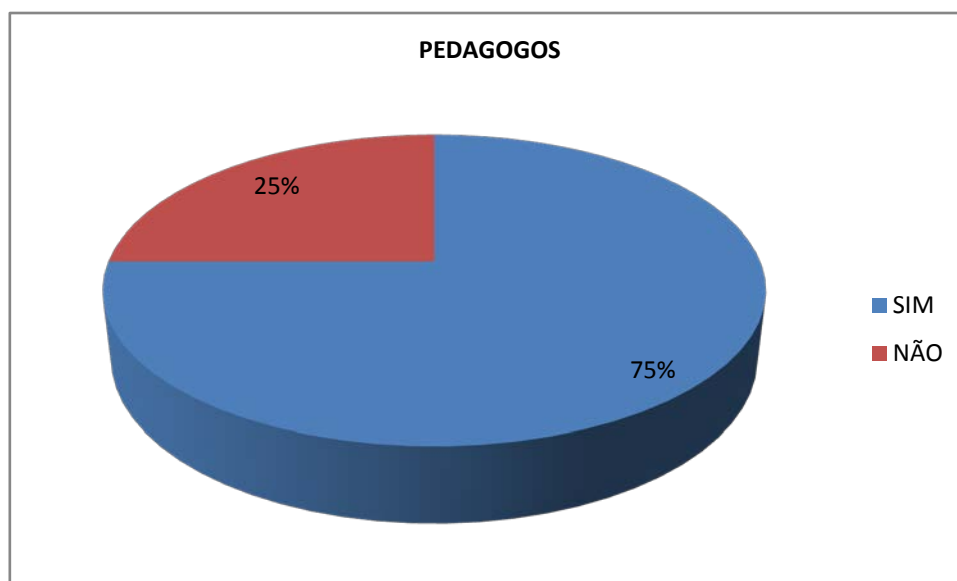


Gráfico 8

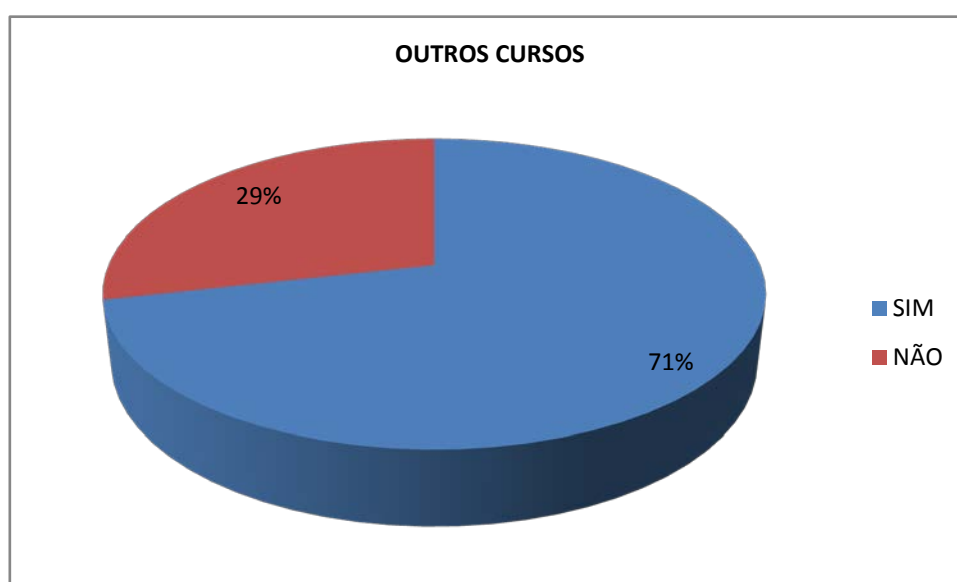


Gráfico 9

Quando perguntados quando de suas ações como docentes, se utilizam ou utilizariam as tecnologias digitais e as TIC como ferramentas meio na construção do processo de ensino-aprendizagem tanto seu como de seus alunos, o resultado transposto no gráfico 7 foi o seguinte: 17(74%) participantes de um total de 23 responderam que sim, que utilizam ou utilizariam os instrumentos citados, enquanto 6 (26%) responderam que não.

No universo dos pedagogos pesquisados o resultado no gráfico 8 foi

este: dos 16 participantes, 12(75%) responderam sim e 4 (25%) não. Enquanto no grupo de outras licenciaturas de um total de 7 participantes no gráfico 9, 5 (71%) responderam que sim e 2 (29%) disseram que não utilizam (utilizariam) as tecnologias digitais e as TIC como ferramentas meio na construção do processo de ensino-aprendizagem tanto sua como dos seus alunos. Portanto, os números encontrados foram equivalentes, independente da graduação. Assim, podemos constatar que os professores tem uma visão de que as tecnologias podem ser ferramentas meio na construção do processo de ensino-aprendizagem.

Pode-se também fazer uma comparação entre os resultados obtidos da Questão 3 e da Questão 2. Na terceira questão é visto, com um número expressivo de opiniões, que os educadores tanto na sua atuação presente como futura utilizam ou utilizariam das novas tecnologias na construção do processo de ensino-aprendizagem. Enquanto na segunda questão pode-se verificar que nos cursos de formação, principalmente de Pedagogia, não é vista tanta atenção da capacitação nas novas tecnologias. Portanto, uma parcela considerável dos licenciados formados e que foram entrevistados, querem praticar ações que envolvam tecnologias digitais e TIC. Contudo, seus cursos não utilizam ou disponibilizam tais conhecimentos na graduação.

Na continuidade da pergunta foi complementado se em caso de sim, em qual momento seria esta utilização e em caso de não era interpelado o porquê da não utilização.

Como em destaque para o grupo que respondeu que sim, temos a seguinte fala:

“Acho que não temos como fugir do meio tecnológico que a sociedade está vivendo sendo assim, aulas apenas expositivas já não prendem atenção dos alunos, logo usaria as tecnologias para dar aulas diferenciadas e também como meio de interação através de jogos didáticos ou sites importantes que os alunos necessitam ter conhecimento e como forma de comunicação através de e-mail ou contato por redes sociais.”

Pedagoga

Como em destaque para o grupo que respondeu que não, temos as seguintes falas:

“Na minha formação não lembro de ter aprendido sobre tecnologias.”

Pedagoga

“Não tenho habilidade na utilização das tecnologias e TIC. A escola não favorece essa ferramenta, tanto no planejamento, como no laboratório cheio de máquinas sucateadas.”

Pedagoga

Na segunda parte da questão 3, mais especificamente no grupo que respondeu não, é verificado o não uso das tecnologias pelo fato de não terem aprendido ou não tinham habilidades com estas ferramentas.

Questão IV - Na sua opinião, como poderíamos aliar educação e tecnologia? Dê um exemplo.

A última questão que era de teor discursivo sobre como poderíamos aliar a educação e tecnologia, foram verificadas diversas falas, em que houve certa congruência nos discursos. Relaciono abaixo algumas falas dos licenciados em Pedagogia:

“A educação deveria se apropriar demais da tecnologia, mas ainda existem profissionais na área de educação que se quer sabem usar o word de um computador. Então imagino que para que as tecnologias fossem de fato apropriadas para a educação deveria haver formação de professores com maior valorização e atenção aos conhecimentos tecnológicos.”

Pedagoga

“Além de uma reformulação curricular o professor tem que estar realmente comprometido e ciente que precisa se reciclar e estar atualizado com as novas tecnologias.”

Pedagogo

“Primeiro acredito que os docentes precisam dominar a tecnologia. Depois as escolas precisam ter laboratórios mais adequados.”

Pedagoga

“Primeiramente com a qualificação tecnológica em relação aos professores e dos serviços digitais oferecidos, por exemplo: internet rápida e computadores mais modernos.”

Pedagoga

“Primeiro com o conhecimento dessas ferramentas pelos professores. Existe uma grande quantidade e qualidade de jogos educativos etc. E principalmente por ser algo de interesse dos alunos, o que promove um melhor aprendizado.”

Pedagoga

O teor dos discursos se refere a uma maior atenção de como o profissional educador deve se apropriar do conhecimento destas novas tecnologias e daí desenvolver uma ação pedagógica. A seguir falas também congruentes abstraídas nas entrevistas com as outras licenciaturas:

“Capacitando os atuais graduandos para no futuro utilizarem essas ferramenta tecnológicas em salas de aula. Isso pode acontecer agora, desde que, informatizem as escolas e capacitem os profissionais da educação.”

Letras

“A primeira coisa seria os professores se atualizarem com as tecnologias e depois não sermos taxativamente contra o uso delas.”

Letras

Em síntese, após a coleta e análise dos dados realizados nas entrevistas, podemos responder as perguntas que buscavam informações sobre a temática que o trabalho propôs. O entendimento e a formação dos licenciados no que concerne às tecnologias ainda são embrionários e o currículo deve dar atenção a estas necessidades que os egressos apontaram no questionário. Suas experiências ainda não são construídas a partir de um currículo que contemple as tecnologias, que é o que deveria acontecer.

Também foi identificada uma voz congruente, quase em sua totalidade, que clama por uma maior atenção e capacitação do educador. Nas diferentes falas, independente do tipo de licenciado, pode-se constatar a preocupação dos egressos dos cursos de licenciatura para a importância do domínio das tecnologias.

A preocupação também é vista nas diversas questões, pois foi constatada a ainda não apropriação destes instrumentos em certas situações e em certas formações, inclusive no curso de Pedagogia. Porém, pode-se ver que os participantes estão conscientes que as tecnologias podem ser ferramentas de auxílio e de construção de benfeitorias no campo da aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo este trabalho, é verificado que há teorização de diversos autores sobre a formação do professor em espaços curriculares que visem utilizar as novas tecnologias. Há legislações, mesmo que faltando especificidades maiores, que abordam esta mesma temática, assim como diversas ferramentas disponíveis para que se possa experimentar em âmbito educacional o preparo do licenciado para o mercado de trabalho com as novas possíveis ferramentas.

Também de acordo com as falas que foram abstraídas das pesquisas, é visto que os egressos das licenciaturas querem uma atenção na formação de seus cursos. Já que quando de sua graduação, a grande maioria dos entrevistados sentiu falta de uma abordagem mais ampla das tecnologias digitais e das TIC. Faltando então, uma prática mais efetiva na reelaboração dos currículos de formação docente.

É válida a ideia de entender os meandros de temas tão instigadores. O formado no curso de graduação em Pedagogia e os demais licenciados, antes de tudo vão ser guias. Assim como na obra de Dante Alighieri "*A divina comédia*" em que Virgílio conduz o autor na sua trajetória em busca de Beatriz (Beatrice), sua amada, a lugares inóspitos e desconhecidos. Nos espaços da obra (purgatório, inferno e paraíso) o mundo que cerca o sujeito é desafiador e ele tem plena condição de adaptação, mas há a figura de "alguém" que possa auxiliar, e não impor métodos. Instruir e não aplicar uma educação bancária.

Respeitar, ter autoridade e não um autoritarismo truculento. Este possível alguém, que podemos levar para a nossa realidade, somos nós pedagogos (educadores, gestores, orientadores, coordenadores, etc.). Atores principais junto com o educando que tem que estar presente na condução e na ajuda da construção do desenvolvimento da subjetividade do ser e na realidade em que se situam, mostrando que está capacitado de fato. O pedagogo deve ser conhecedor das novas tendências e capaz de gerir e assimilar as benfeitorias que a tecnologias digitais tem a nos trazer, tendo a capacidade de

utilizá-las e também usar desta ferramenta no processo pedagógico e de formação.

Como diz Paulo Freire: “*Não há docência sem discência*” (FREIRE, 1996, p.21). Ambos são passíveis de se transformarem no processo educativo. Ambos interagem consigo e com os outros sujeitos e com o meio. Todavia são vertentes indissociáveis. Variáveis intrinsecamente dependentes. E o educador é aquele que pode orientar o educando de forma solidária. Tendo um papel fundamental e de extrema valia para a perpetuação deste relacionamento tão simbiótico. Mas este educador deve ser preparado adequadamente quando de sua formação em diferentes espaços, utilizando inclusive das tecnologias digitais.

Pretendi ao longo deste trabalho colocar minhas inquietações, minhas reflexões e referências que abalizem minha preocupação na formação enquanto licenciados nas tecnologias digitais e TIC. Podemos dizer, quase que parafraseando Rubem Alves e Gilberto Dimenstein, não fomos maus alunos, fomos mal formados. É preciso renovar para continuarmos melhorando nossa relação e construção de ensino-aprendizagem com nossos futuros alunos. Para que consigam aprender e no processo aprendamos também com a informática.

Quando do momento da análise da coleta de dados nas entrevistas, pode-se verificar ainda a preocupação, do já licenciado, na contínua atualização e domínio das tecnologias. Da importância com que o tema se fez relevante não somente neste Trabalho Final de Curso, mas também na consciência coletiva dos educadores no que concerne a utilização da informática auxiliando o campo educativo.

Contudo, é preciso cautela com a informatolatria (CORTELLA, p.107). Tecnologia em si mesma não é a “solução final” ou cura do sistema educacional. Afinal, não é a utilização de recursos tecnológicos que irá mudar a prática docente, mas sim auxiliar nestas práticas e relações pedagógicas entre aluno e professor. O educador tem que mudar internamente e os preceitos da solidariedade podem contribuir para a constituição de um professor reflexivo, aberto às novas tendências e bom nas relações humanas.

É por acreditar na importância da solidariedade para a relação do ser humano que escolhi desenhar meu Trabalho Final de Curso com os parâmetros de preocupação em aliar a educação às tecnologias, mas permeado e utilizando da solidariedade como fio condutor e pano de fundo.

Acredito que a solidariedade é uma virtude de grande relevância para a convivência do ser humano, por pensar que a educação renovada com as novas tendências e com um olhar solidário tem o poder de transformar o mundo e proporcionar dias melhores para as gerações futuras.

TERCEIRA PARTE
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Uma das profissões mais nobres que considero, é a de professor. Ser docente é mais do que um sonho que está sendo realizado com a conclusão de minha graduação. É uma maneira de mudar a realidade. Contrapor o *status quo* de desigualdades e de opressão para com o oprimido. É a chance de fazer a diferença e guiar as pessoas à luz do saber.

Tenho absoluta certeza que ao ser um educador, aprenderei muito mais do que estou disposto a querer ensinar. Meu coração e alma estão cientes que meu trabalho pedagógico tem que ser o de consciência social, partindo de uma análise crítica da mesma. Para levar o educando a uma emancipação cultural, econômica, política e social.

Quero ser um educador futuramente, tanto em Educação Infantil quanto na Educação de Jovens e Adultos. Contudo, tenho bastante interesse em seguir uma carreira de docência na Academia. Por isso necessito de continuar desenvolvendo pesquisas, estudando, aprimorando meus conhecimentos numa educação continuada e de *stricto sensu* (mestrado e doutorado) e vislumbrando um concurso público que abra a possibilidade de ser professor da mesma instituição que admiro e que me ensinou tanto: a Universidade de Brasília.

Trabalho atualmente numa empresa de engenharia e tenho uma forte ligação com a informática. Nesta última, estou tentando concluir minha segunda graduação em breve. Portanto, aliar as ciências duras com a área educacional também sempre foi uma grande tentativa da minha parte. Pretendo atingir o objetivo de ser um docente que saiba mediar as relações e que tenha sua atenção voltada também às novas tecnologias.

Quero dar um futuro com condições dignas para minha princesa Ana Luiza e minha rainha Iara Folha. Só preciso de força de vontade e isso eu tenho de sobra.

Sei que o caminho é longo e obstáculos estarão presentes, mas sei que ao transpor cada um, ficarei mais forte. As grandes jornadas sempre começam com o primeiro passo. E já dei o primeiro.

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Tradução, comentários e notas de ItaloEugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2009.

BARRETO, Raquel Goulart. **Formação de professores, tecnologias e linguagens: mapeando velhos e novos (des)encontros**. São Paulo: Loyola, 2002.

BISSOLLI DA SILVA, C. S. **Curso de pedagogia no Brasil: história e identidade**. Campinas: Autores associados, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação. LDB– Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> . Acesso em: 25 jun. 2013.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. Parecer 970 de 09 de novembro de 1999. Dispõe sobre o Curso Normal Superior e a habilitação para o magistério em Educação Infantil e séries iniciais do ensino fundamental nos cursos de Pedagogia. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1999/pces970_99.pdf> Acesso em: 25 jun. 2013.

BRASIL. Decreto presidencial n.º 3.276 de 06 de dezembro de 1999. Dispõe sobre a formação em nível superior de professores para atuar na área da educação básica e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3276.htm>. Acesso em 25 jun. 2013.

BRASIL. Decreto n.º 3.554 de 07 de agosto de 2000. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/dec355499.pdf>>. Acesso em 25 jun. 2013.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP n.º 9, de 8 de maio de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2013.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP n.º 5, de 13 de dezembro de 2005. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2013.

BRASIL, Resolução CNE/CP n.º 1 de 15 de maio de 2006. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2013.

Carta de repúdio ao Decreto N° 3.276/99, de 6 de dezembro de 1999. Disponível em: <http://www.lite.fae.unicamp.br/grupos/formac/carta_unesp.html>. Acesso em: 17 jul. 2013.

CHAUÍ, M. **A universidade operacional**. Folha de S.Paulo, Caderno Mais! 9 mai. 1999.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Não espere pelo epítáfio...** Provocações filosóficas. 3ª ed.. Petrópolis: Vozes, 2005. 160 pgs.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1989. Campinas: Autores Associados, 1999. (Polêmicas do nosso tempo).

Diálogos impertinentes: FREIRE & PAPERT – **O futuro da escola**. São Paulo: TV PUC, 1996.

Formação inicial. Disponível em: <<http://www.fe.unb.br/forumprof/textos/Decreto3276-99.htm>>. Acesso em: 1 mar. 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 31 ed. SP: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Economia Solidária como Prática Pedagógica: Educar para a cooperação**. Ed. L. São Paulo: Editora e livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

GODOI, G. C. **Desafio aos professores: aliar tecnologia e educação**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/desafio-aos-professores-alisar-tecnologia-educacao>>. Acesso em 29 fev. 2013.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre Iniciação à Pesquisa Científica**. 5ª ed. Revisada e ampliada. Campinas: Alínea, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?**. São Paulo: Cortez. 1998. p. 43-66.

MARQUES, Cristina P. C.; MATTOS Izabel L. de; LA TAILLE, Yves de. **Computador e Ensino: Uma aplicação à língua portuguesa**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

Moção contra o Parecer C.E.S. nº 970/99. Disponível em: <<http://www.lite.fae.unicamp.br/grupos/formac/decreto/ofsd1.htm>>. Acesso em: 17 jul. 2013.

MORAES, Raquel de Almeida. **Informática na educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MORAN, José Manuel. **A integração das tecnologias na educação**. Disponível em <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/integracao.htm>>. Acesso em 26 jun. 2013.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 15ª ed. Campinas : Papirus, 2009.

PIAGET, Jean. **A equilibrção das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro : Zahar, 1975.

PRETTO, Nelson. **Educação e inovação tecnológica: um olhar sobre as políticas públicas brasileiras**. Revista Brasileira de Educação. Maio a agosto. 1999. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE11/RBDE11_08_NELSON_PRETTO.pdf>. Acesso em 12 jun. 2013.

Programa de orientação profissional. Disponível em: <<http://www.fe.unb.br/graduacao/presencial/projetos-curriculares/projetos-3/eixos-tematicos/formacao-geral-c/profs.-maria-da-conceicao-e-helvia-leite>>. Acesso em: 11 jul. 2013.

RIBEIRO, Darcy. **A universidade Necessária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969. 307 p. (Estudos sobre o Brasil e a América Latina, v. 7).

SANTANA, B. ; ROSSINI, C. Educação. In: BRAMBILLA, A. (org). **Para entender as mídias sociais**. 2011. p. 166-170.

SAVIANI, Dermeval. **O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias**. In: Novas tecnologias, trabalho e educação. Petrópolis /RJ: Vozes, 1994.

SCHEIBE, Leda, AGUIAR, Márcia Ângela. **Formação de profissionais da educação no Brasil: o curso de pedagogia em questão**. Educação & Sociedade, Campinas, Cedes, n.69, p.220-238, dez. 1999.


SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia Marcondes de; EVANGELISTA, Olinda. **Política Educacional**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Faculdade de Educação. **Projeto acadêmico do curso de Pedagogia**. Brasília, 2002. Disponível em: <<http://www.fe.unb.br/graduacao/presencial/projeto-academico-1/view>>. Acesso em 05 jun. 2013.

VALLIN, Celso; RUBIM, Ligia Cristina Bada. **Articulação Administrativa e Pedagógica na Gestão Escolar com o uso de tecnologia**. In: ALMEIDA, M.E.B. ; ALONSO, M. (Org.) Tecnologias na Formação e na Gestão Escolar. São Paulo: Avercamp, 2007.

ANEXOS

1.1 Formulário de Pesquisa aplicado pessoalmente

	UnB – Universidade de Brasília	FE – Faculdade de Educação
	Aluno: Herlan Serpa de Souza Matrícula: 09/0116364	PESQUISA: A formação em diferentes espaços curriculares - experiências com tecnologias digitais

Meu nome é Herlan Serpa de Souza, aluno do curso de Pedagogia da UnB (Universidade de Brasília). Estou realizando uma pesquisa sobre a Formação em diferentes espaços curriculares - experiências com tecnologias digitais.

A sua participação é muito importante para o desenvolvimento da pesquisa. Desde já, agradeço sua inestimável contribuição.

PESQUISA

Nome: _____
Licenciado em () Pedagogia () Outros: _____

1) Você é familiarizado com os conceitos de tecnologias digitais e TIC (Tecnologia de Informação e Comunicação)?

() SIM () NÃO

2) Na sua formação como licenciado, houve atenção em especial no que concerne às tecnologias digitais e à TIC no currículo da graduação que fez?

() SIM () NÃO

3) Quando da sua ação como docente (presente ou futura), você utiliza as tecnologias digitais e as TIC como ferramentas meio na construção do processo de ensino-aprendizagem tanto seu como dos seus alunos? Se sim, em qual momento? Se não, por que não utiliza?

() SIM () NÃO

4) Na sua opinião, como poderíamos aliar educação e tecnologia? Dê um exemplo.

1.2 Formulário de Pesquisa aplicado *on-line*

A formação em diferentes espaços curriculares - experiências com tecnologias digitais

Nome

Licenciado em:

1) Você é familiarizado com os conceitos de tecnologias digitais e TIC (Tecnologia de Informação e Comunicação)?

- SIM
 NÃO

2) Na sua formação como licenciado, houve atenção em especial no que concerne às tecnologias digitais e à TIC no currículo da graduação que fez?

- SIM
 NÃO

3) Quando da sua ação como docente (presente ou futura), você utiliza as tecnologias digitais e as TIC como ferramentas meio na construção do processo de ensino-aprendizagem tanto seu como dos seus alunos?

- SIM
 NÃO

Se sim, em qual momento? Se não, por que não utiliza?

4) Na sua opinião, como poderíamos aliar educação e tecnologia? Dê um exemplo.